

Um homem além do espelho



Gil Cleber

Gil Cleber Duarte Carvalho

+

Um Homem Além do Espelho

+

Teatro

Tragédia em Prólogo, dois atos e Epílogo

+

PERSONAGENS:

MACÁRIO – Principal personagem da peça. Figura um homem dividido entre a lucidez e a loucura.

LIONE – Irmã de Macário. Paralítica.

MIGUEL – Amigo de Macário e amante de Lione.

LUÍZA – Criada de Lione e amante de Macário.

HOMEM DO ESPELHO – Aparição.

E ainda, pela mesma atriz que interpreta Lione, as seguintes personagens:

MULHER

MOÇA DE BRANCO

ESPECTRO

Prólogo

Cenário – Simples e polivalente para as cenas do prólogo. Interior de um quarto. Não muito ao fundo, à esquerda, encostado à parede, um espelho da altura de um homem. Também à esquerda, em primeiro plano, uma mesa e duas cadeiras dessas de bar. A cena deve ter pouca luz, de modo que os cantos estejam na sombra. Vestido de preto e com uma capa ampla, luvas, cartola e bengala, surge dentro do espelho um homem.

Homem do Espelho | Se me perguntarem, direi que sou alguém numa charneca a desenterrar arcas antigas e velhos baús: levanto-lhes a tampa e só encontro velharias, coisas perdidas, trastes há muito dados pela memória e pelo peito a algum sucateiro anônimo que por certo me anda cá por dentro... O suor no meu rosto não me atrapalha a tarefa de buscar por meu próprio rastro, mas em qual desses baús encontrarei a mim mesmo, além de somente esse par de sapatos velhos com os quais percorri meu caminho? Não estarei, porém, um pouco em cada uma dessas caixas, e abrindo todas não hei de deparar com o quebra-cabeças desmontado de tudo que na verdade fui e sou e hei de ser ainda? Ah, quando a planície estiver juncada de trastes, cheia de crateras, reconhecerei nela meu coração doente, e terei de cobrir de mim mesmo a obscenidade de tão miserável nudez! Sim, sou alguém a desenterrar baús no deserto como caçador de tesouros perdidos, mas nenhum tesouro me espera, estou certo disso: todas essas arcas hão de me revelar não mais que escombros e pó, e do que me concederam erguerei meu próprio império, no meio de cujas ruínas estarei só. A despeito de tudo, é-me impossível interromper essa busca. Para tanto, resta-me uma tarde longa, um sol vermelho de outono, e esse dia que só há de ter um único declínio.¹

Macário entra pela direita ao mesmo tempo que o Homem do Espelho some. Deve estar abatido e vestir-se pobremente: um velho terno escu-

¹ Texto baseado em poema do autor.

ro, chapéu e guarda-chuva.

Macário

Mau, mau, muito mau quando um homem entra à noite em seu quarto e começa a ouvir vozes sem que haja mais alguém com ele! Quem está aqui, afinal? Eu, eu estou aqui... estou? Estou mesmo? Mas estarei aqui até que ponto?... Até que ponto alguém está em algum lugar quando não está em si mesmo?... No entanto... no entanto, se não estou em mim, se o que vejo ao olhar-me no espelho (*vai até o espelho*) é tão somente o invólucro vazio do que fui, se tudo o que sobrou de mim é esse monte de roupas velhas por fora e esses ossos articulados por dentro, por que continuo aqui e falo, e falo, e sou capaz de ouvir o que digo e... e até mesmo... até mesmo de derramar lágrimas, de apalpar-me o corpo e sentir-me em minhas mãos... Às vezes olho-me naquele espelho ali, não, sei que é uma ousadia eu parar para olhar minha própria figura no espelho, mas assim mesmo paro, e olho, e então quando me olho no espelho é que sinto necessidade de distanciar-me de mim. A razão, o discernimento, por que tê-los quando tudo o que se tem na vida é um espelho a nos exhibir, diariamente, nossa figura derrisória a escarnecer de nós e do mundinho medíocre em que vivemos, e que quotidianamente comemos, respiramos e cagamos... e sustentamos com o simples ato de continuarmos vivos?... Os homens belos, os homens poderosos, eles sim, e somente eles é que deveriam ter direito ao discernimento; sim, digo-o apesar de ouvir as exclamações em contrário, apesar de os senhores todos que contemplam o mundo afirmarem que também “sou filho de Deus”... (*ri*) O que é mesmo que eu sou, hein? Filho de Deus... ou filho-da-puta?... Não, dirão os senhores, você está é sentindo pena de si mesmo! (*Macário dirige-se agora à segunda pessoa do plural*) Direis que busco a piedade e a complacência do mundo, que anseio por vosso afago e vosso beijo de misericórdia, por que me deis a oportunidade uma vez ou outra de adentrar vossas ante-salas e espiar do canto vossas festas, os casais que dançam a valsa sob o resplendor dos lustres, os senhores distintos de ar respeitável e grave que conversam em tom moderado formando grupos discretos, as damas elegantes brilhando em seus vestidos finos e suas jóias; que me permitais até mesmo pegar da bandeja que passa uma taça de vinho, desde, é claro, que eu não me mostre muito e meus sapatos não estejam furados aqui, ó, no dedo mindinho, onde os sapatos de má qualidade furam sempre. Pois sabeis que não é nada disso! Não sinto pena de mim mesmo, ao contrário, é

asco o que sinto, e o sinto até a vontade louca de desembestar-me, de arrancar a roupa toda, a carne, as vísceras e nem mesmo deixar sobras dessa ossatura medonha e inútil... E tornar-me depois de tudo um vão sim, isso mesmo, um vão, um vão onde se apalpa (*apalpa o ar*) e não se acha nada... E quanto à misericórdia que julgais que busco, vou contar-vos uma história, ora, nem chega a ser história, foi um simples episódio. Às vezes tenho o hábito, ao sair à noite do trabalho, de não vir diretamente para casa; fico a perambular pela cidade, e quando dou conta de mim eis-me em algum recanto aonde, normalmente, nunca me ocorreria ir, recanto por vezes onde antes não pusera e pé. Não sei por que, mas sempre que dou esses passeios, escolho, se se pode chamar de escolha ir por aí sem destino certo, escolho os lados mais pobres da cidade, as ruas mais estreitas e mal iluminadas, os becos mais sombrios e sujos, e ousa até afirmar que esse ar assustador dos bairros marginais, essa imundície que se torna parte da condição humana nessas ruelas e becos fedorentos, tudo exerce sobre meu espírito uma espécie de mórbido fascínio. Costumo às vezes deter-me sob uma marquise, ou na sombra de um poste, e fico olhando o vaivém das prostitutas e dos homossexuais, à espera de seus clientes; eu então encosto-me na parede de um bar, do lado de fora, e ponho-me a ouvir a conversa dos bêbados. Sempre tem um carteadado e jogadores de porrinha, os lugares são sórdidos em sua exigüidade e amontoamento de bêbadas, iluminados pela lâmpada elétrica suja de pó de asfalto e cocô de mosca, fedendo ao cheiro de suor que dimana dos corpos. Não raro um deles vem até cá fora e vomita tudo, e às vezes se caga todo também, mas nesse caso é expulso a pontapés e vai bater com a cabeça no calçamento. No entanto, quanto mais sórdidos esses quiosques, mais me atraem. Ali estão “eus”, em cada um deles eu estou um pouco, e talvez seja essa a razão por que tanto me atraem: porque ali não estou só. Até já me conhecem. O dono com um cigarro meio queimado sob o bigode, grita: “Ei, Urubu, vem tomar uma por conta da casa.” Apelidaram-me Urubu porque pareço meio empenado e ando sempre com essa roupa escura. Aceito o convite e sou premiado com uma piada nova pele Bigodão, que se ri mais do que eu, sacolejando as banhas na camiseta Hering. Então sento-me numa mesinha do canto e fico olhando o carteadado. Arrisco uma ou outra moedinha, e mesmo que ganhe não arrisco mais nada, mas a verdade é que perco quase sempre. Assim são, pois, as minhas incurções nesse submundo que, enfim, é o meu mundo também. Mas, sim, a

propósito da misericórdia, essa misericórdia indecente que vós me acusais de buscar com essa latomia. Antes de tudo, não se trata de uma latomia, falo de mim, de mim!, e vós, por que outro motivo estais aqui a não ser para ouvir-me? Portanto, paciência. Sobre a misericórdia, foi numa dessas incursões noturnas que deu-se o episódio. Fui parar num botequim próximo ao cais. Já fora ali algumas vezes e o Bigodão já me conhecia bem, até fizera-se meu amigo, oferecendo-me bebida. Dessa vez, no entanto, na última mesa não havia carteado, talvez ainda fosse cedo, pois o bar estava vazio. Quase vazio, porque na última mesa (*dá um passo na direção da mesa*) havia alguém...

O palco fica momentaneamente às escuras, só acendendo um foco de luz vermelha sobre a mesa, onde se vê uma mulher debruçada.

Macário Aproximo-me da mesa, e na quase escuridão vejo que ali está uma mulher. Sento-me, mas não falo nada (*Macário senta-se à mesa*), não tenho coragem de me dirigir a ela... A mulher tinha os olhos não parados, mas abismados, abismados numa silenciosa contemplação, olhos tão perplexos que me espantavam mais que a familiaridade de seu rosto... um rosto que me parecia familiar sem que nunca o tivesse visto. Foi então que ela disse alguma coisa... versos talvez, versos íntimos...

Mulher Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro da tua última quimera.
Somente a Ingratidão – essa pantera -
Foi tua companheira inseparável.

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem que nesta terra miserável
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera de escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!²

² “Versos Íntimos”, soneto de Augusto dos Anjos.

Macário | E então abismou-se mais ainda (*levanta-se da cadeira*), e eu creio que entendi...

Novamente a luz se apaga. Ao reacender-se a mulher sumiu e Macário está no meio do palco.

Macário | Se começo a tirar a roupa (*joga o guarda chuva para um lado*), começo a desmontar-me, e o que sou diminui. A parte de fora pesa tanto quanto a de dentro (*tira o chapéu e a gravata*), vale tanto quanto, e parece-me impossível que a armação dos ossos permaneça sem o seu envoltório (*tira o paletó*). Sim, dispo-me porque quero experimentar o que sobra de um homem quando ruírem todas as suas muralhas, quando tornar-se louco, atirando seus fragmentes pr'aqui e pr'ali (*tira a camisa*) e ficando somente um rochedo nu sob a tormenta (*descalça os sapatos*). Assim como se eu fosse andando pela rua e em cada esquina abandonasse um pedaço do que sou, e atravessando a rua fosse deixar do outro lado as minhas mãos, num terreno baldio meu sexo, nalgum bueiro o coração entorpecido e, por fim, (*tira as calças, sob as quais usa uma cueca "samba-canção"*) do lado de fora da porta ficassem meu rosto e meu pensamento (*no momento em que faz o gesto de tirar a samba-canção as luzes se apagam, continuando a falar no escuro*) e eu entrasse finalmente em casa, livre de mim mesmo!

Quando o palco se ilumina, está vazio, com as roupas espalhadas no chão. Surge o Homem do Espelho.

Homem do Espelho | Meus olhos são um ponte indefinível e semovente,
E minhas mãos não são mãos
Mas o arremedo de muitos gestos,
Assim como minha língua não é mais que toda palavra dita e não dita,
E toda maldição proferida,
E toda miséria calada...
Meu corpo é tão só o contorno que um cego acharia se o tocasse.

Macário entra enrolado em um lençol branco, com uma coroa de louros na cabeça.

Macário | Tenho uma história para contar-vos. Não, não é uma história qualquer, é um conto de fadas. E como todo conto de fadas que se preze,

começa com “Era uma vez...” Era uma vez... um homem e um sonho. Eu vou falar primeiro de homem, que não tinha roupas: só uma mortalha; e nem corpo: somente um contorno. Entrava em seu quarto sozinho à noite, nessas noites tranqüilas e quietas quando, sobre o bulício da cidade, desce uma calmaria tão intensa no adiantado das horas que tudo silencia; olhava em torno de si tudo que lhe era familiar, sua cama, o tapete, a mesinha de cabeceira... mas na verdade nada disso mais estava ali, e no seu quarto só havia o espelho dentro do qual, podia quase afirmar, havia alguém que o chamava. Porque então o quarto já não era o quarto, mas qualquer coisa como um bosque ou uma ravina ou um jardim, e o espelho uma espécie de umbral aquém desse jardim.

Homem do Espelho E no entanto, Macário, por que permanecer no limiar da porta, sem ousar atravessá-la? O dia ficou em algum lugar chamado ontem, e amanhã é outro lugar tão indefinível que se pode esquecer. O que fica é entregar-se à volúpia das trevas e ao desvario dessa quietude, e ir além da superfície do espelho ao encontro do seu Paraíso perdido.

Macário O homem deixara atrás de si o dia, despojara-se de sua indumentária vilíssima de rato, sim, de rato de repartição, de amanuense obscuro e submisso, de esmagador de traças de arquivo que após matá-las vai lavar as mãos na pia do banheiro como se aquilo fosse o complemento de um ato necessário e importante; jogara fora sua fraqueza, tudo aquilo que odiava em si mesmo, que o transformava num número em listagem de computador; para finalmente tornar-se Homem. O homem de gestos convictos e fala segura, contido e guardado em si mesmo como segredo. Porque possuía uma única coisa, que não era a razão mas podia transformá-lo: o sonho.

Escuridão no palco. Foco de luz sobre uma moça que aparece ao fundo, vestida de branco. Outro foco sobre o Homem do Espelho.

Homem do Espelho A mulher que eu quero está no sonho,
Bela, fluida, ténue, viva!
Mas se estendo a mão para tocá-la,
O gesto é vão,
Tocá-la é sonho
Que a mulher do sonho se desfaz, esquiva.
Eu quero a mulher que está no sonho,
Mas é desperto e pronto que parto a buscá-la!

Mas se a busco é em vão
Que a não encontro,
Mas se a encontro
A mulher do sonho se ausenta e cala.³

A moça caminha para o meio do palco, e as luzes acendem-se iluminando fortemente a cena.

Macário Edênico lugar, um rio de águas claras e árvores em cujos galhos cantam pássaros, uma ravina e a brisa da tarde a agitar a folhagem e os cabelos dela. Era ali que a encontraria outra vez, na encosta do monte, tal como naquele dia antes que ela se destruísse e perdesse...

Moça Mas ela, Macário, ter-se-ia perdido sozinha?

Macário E quem mais perdeu-se, a não ser ela?... A não ser ela, que destruiu tudo por si mesma?

Moça Ah, mas por que fingir diante dela agora, nesse lugar onde nada se finge?, onde toda a verdade deve mostrar-se, porque o espelho em que nos encaramos mostra-nos não o rosto que queremos exibir para o mundo, mas o que em verdade temos?

Macário *(angustiado)* E discutir ali a verdade e a mentira?!

Moça E por que não discuti-las? Por que o homem que traz consigo a vilíssima indumentária de rato e um número em listagem de computador deve ostentar ao mundo tão somente essa miséria, pensando-se em momentos assim dela despojado?

Macário E de que outra miséria haveria de despojar-se? E por que ele teria de reviver em seu sonho tudo aquilo que repeliu de si mesmo antes de ir?

Moça E no entanto, por que essa fuga improficua de sua própria dor?

Macário E não é bastante ter de suportá-la sempre? E há quantos anos vem esse homem suportando-a?

Moça Contudo, há de ser assim, sempre.

Macário Por que há de ser assim sempre? Será ele culpado de todos os seus crimes? Não terá ele desejado ardentemente destruir o mal?... Ou em

³ Poema do autor.

	seu sonho deve encontrar-se com a personificação de sua culpa, para expiá-la?
Moça	Era uma vez um rio. <i>Nesse ponto Macário olha surpreso e angustiado para ela. Ela prossegue, sem paixão, mas incisiva.</i>
Moça	E era uma vez uma mulher que se punha à margem para admirar o rápido deslizar das águas entre as pedras. Então sentava-se ali, à sombra de uma árvore naquele verão abrasante e, em sua solidão, contemplava de olhos parados a água do rio e nenhum pensamento maculava a página em branco de sua mente nessas horas. A mulher tornava-se dia a dia mais pesada, mas ainda assim ia para ali porque nessas tardes bucólicas descansava ouvindo as cigarras, e o rio correndo indiferente produzia nas pedras um ruído doce e repousante. E foi numa dessas tardes que ele chegou. Ela, que nesse dia estava já muito pesada fora lá para repousar, não esperava por ele, não julgou que ele fosse capaz de procurá-la naquele lugar para roubar-lhe a paz. Mas ele não fez nada, nada a não ser olhar demoradamente o rio, tanto como se não fosse mais parar de olhar, e então voltou-se para ela e a olhou também, fixamente. Em seguida voltou-se outra vez para o rio, abaixou-se, apanhou uma grande pedra sopesando-a, e olhando-a disse: “As pedras afundam rapidamente. Já viu?” Voltou a sopesar a pedra, atirou-a nas águas, e acrescentou: “E não voltam à superfície.” Depois foi embora. Não esteve mais ali, nem mesmo algum tempo depois quando a mulher, ainda lenta mas leve outra vez, foi ao rio levando consigo uma trouxa. A única coisa que ele fez foi olhá-la muito quando ela retornou sem a trouxa e nem sequer voltou a face para ele, a não ser por um breve segundo, encontrando aqueles olhos de aço, não inquisitivos mas seguros, não em dúvida, mas certos. E não disse nada.
Macário	<i>(c/ horror e desespero)</i> Por que contou essa história confusa? Que ninguém entende?... De que adianta falar de coisas que não se compreendem?
Moça	Alguém a compreende.
Macário	Não, ninguém, ninguém... ninguém. Por que alguém entenderia? Por quê? <i>(Dá uns passos como que desorientado pelo palco. Muda de atitude e começa nova fala.)</i> As pessoas não gostam dessas histórias. Todos que-

rem ouvir histórias bonitas, histórias de amor...

O palco fica às escuras, caindo um foco de luz sobre Macário.

Macário Era uma vez um homem e seu sonho, e quando entrava nele o homem encontrava seu amor perdido que, todavia, nunca estivera perdido, mas preservado ali, intacto e seguro, inteiramente doçura e bondade, que vinha correndo pela ravina mal o avistava, e ao passar entre as folhagens o farfalhar de seus vestidos fazia voarem as mães pássaros de seus ninhos e assustava as borboletas pousadas nas flores. A meio caminho detinha-se para descalçar as sandálias e, com uma flor entre os lábios, levava-lhe os frutos mais doces da videira, porque sabia-o faminto e sequioso; mas só em tê-la junto a si, ele sentia suas forças restauradas e saciada sua fome.

Um foco de luz acende-se agora sobre a moça.

Moça Ela o esperava ali todos os dias, pois sempre estava muito só. Mas somente a presença dele podia alegrá-la, ainda que nesse lugar nada mais lhe faltasse.

Macário E lá havia um rio que cruzava a ravina, em cujas águas ele mergulhava, refrescando-se do calor do dia e do cansaço da viagem.

Moça E ela também entrava no rio, juntando-se a ele e nadando juntos nas águas frescas enquanto durasse o sol da tarde.

Macário E ambos brincavam na água...

Moça Apostavam para ver quem chegava primeiro à outra margem...

Macário E ele fingia ficar para trás, para que ela ganhasse.

Moça Ora, que presunçoso! Diversas vezes ela ganhava mesmo, está ouvindo? Ela nadava muito bem, como era veloz cortando a água!

Macário E voltavam nadando, descendo a corrente...

Moça Então ela fingia afogar-se, para que ele fosse salvá-la, pressuroso.

Macário E ele a tomava nos braços, e rodava com ela dentro do rio...

Moça ...e riam juntos, das brincadeiras.

Macário Até que, por fim, saíam e iam descansar sobre finos edredões na relva, à sombra das muitas e copadas árvores que ali floresciam.

- Moça Sim, porque havia nessa ravina muitas árvores, e todas davam frutos, e os frutos eram saborosos ao paladar.
- Macário Vagava por ali um gênio bom que disse a ambos: “Todas as árvores são vossas, e de todas podeis comer.”
- Moça** O gênio, entretanto, não disse todas...
- Macário Não?
- Moça Ele disse: “De todas podeis comer, menos da que está no meio da ravina. O fruto dessa não comereis, para que não vos percais.”
- Macário muda, parecendo desconcertado ante o rumo que o diálogo toma.*
- Macário Mas andava por ali também um gênio mau que, ouvindo, acercou-se do homem e disse: “O fruto da árvore que está no meio da ravina é de aroma agradável e incomparável sabor. Por que não comer dele? Por que não conhecer o prazer que vos está sendo proibido? Nenhum mal vos sobrevirá se comerdes, nem vos perdereis, apenas conhecereis a plenitude.”
- Macário E foi ao homem que o gênio mau induziu a comer do fruto? (*incisivo*) Também ela desejava prová-lo, também ela experimentou com prazer seu sabor.
- Moça (*em tom triste*) No entanto, o que sabia ela daquilo para evitá-lo? Por que ele tinha aquele jeito de olhar para ela, e de dizer aqueles versículos... se sabia de suas dúvidas acerca do mal que era experimentá-lo?
- Macário Todavia o mal não lhe era estranho, e que importância dava a ele... se ela assim o quis?...
- Moça Mas se ele não lhe houvesse trazido o fruto... se não lhe desse de provar sua doçura... e ficar-lhe na língua depois todo o seu amargor...
- Macário E ele, é certo que também provou desse amargor.
- Moça Porque foi então que tudo se perdeu, e ele compreendeu a cilada em que caíra.
- Macário Em que ambos caíram! E se é assim, se tudo não passou de um ludíbrio, como culpá-lo?
- Moça Porque o gênio mau não lhe era de todo desconhecido. Ao contrário: ele sabia de suas armadilhas. Sabia e fechou os olhos para eximir-se de culpa. Fingiu ignorar, para descansar em sua falsa inocência, e a tal

ponto que ainda agora sói para ele ser impossível reconhecê-lo; a tal ponto que é capaz de ouvir-lhe os passos e a voz e não se lembrar, embora esses passos e essa voz possam soar familiares para ele, tão familiares quanto seus próprios passos no assoalho da casa antiga, como sua própria voz grave e taciturna em seus monólogos quando confabula consigo mesmo.

Macário Afirmo que ele conhecia esse gênio mau e assim mesmo o ouviu. Também ela não o teria ouvido? E com que enlevo? E com que doçura? O que você quer dizer com isso, afinal? O que significam essas acusações veladas? Essas insinuações de que sua voz e seus passos lhe eram, a ele, tão familiares, e a ela não?

Moça Ele o sabe.

Macário Ela também o sabe, Ah!... que não esperavam que o mal estivesse ali, o ludíbrio, a ruína...

Moça ...e a morte!

Macário A morte?... Mas por que a morte? (*com desespero*)

Moça Porque ela está morta.

Macário Não é verdade!

Moça Porque ele, também, está morto. (*sai*)

Macário (*com angústia*) Ah... não, não vá ainda... volte... que a morte é só uma hipótese absurda... (*cai de joelhos*) tão absurda... quanto a vida! (*a luz se apaga*)

Acende-se a luz. Macário levanta-se, recolhe as roupas e sai em silêncio, cabisbaixo.

Homem Não deves partir, Macário. Permanece em teu sonho, torna-o como tu queres. Por que ir-te embora, e recomeçar tudo?

Espelho

Escuridão.

Pano.

Fim do Prólogo

Primeiro Ato

Cena I

Cenário – Quarto de Lione. A decoração é simples, bem como o mobiliário: uma cama, um criado mudo, etc.

Quando sobe o pano, Lione está deitada em sua cama. Macário entra. Soerguendo-se nos cotovelos, ela fala.

Lione	É você, Macário?
Macário	Sim, Lione. Estou chegando.
Lione	Pois eu estou aqui morrendo de fome, vê se prepara alguma coisa comermos, ande logo.
Macário	Mas a dona Luíza...
Lione	É uma imprestável! Não me adianta de nada aqui, e ainda por cima o que faz é com maus modos. Por isso a mandei embora.
Macário	<i>(encaminhando-se para a cama da irmã)</i> Mas Lione, por quê...?
Lione	<i>(com mau humor)</i> Escuta aqui, todas essas que você arranja pra me fazer companhia são iguaizinhas a você: inúteis, não servem pra nada. Mas eu sei que você faz isso pra me atormentar... eu sei...
Macário	Não, Lione, você não pode achar que...
Lione	Eu acho o que quiser! Será que você não aprende nunca? Pensa que sou burra? Que não percebo suas manobras infames para me deixar com os nervos à flor da pele? Quer que eu enlouqueça ou então que eu morra?... Sei bem o quanto você deseja me ver morta!

Macário | Lione, pare de dizer essas coisas!...

Lione | Não é preciso negar! Pra que negar? Então não vejo o ódio que “o senhor” sente por mim?

Macário | Mas eu não a odeio, Lione! De onde você tirou essa idéia?

Lione | E você prometeu! Você prometeu a papai!

Macário | Ora, pra que lembrar...

Lione | E como não lembrar? Se lembrando você já se faz de esquecido, me atormenta, faz de tudo para maltratar-me, imagine se eu não lembrasse!... Não, não fale! Sou eu que estou falando agora! Você prometeu a papai que cuidaria de mim, e aqui estou eu, jogada às traças, apodrecendo! É isto que você quer, eu sei...

Macário | Não diga bobagens.

Lione | Quer que eu apodreça em cima desta cama, que fique fedendo pra chamar a atenção de todos, da rua inteira, do bairro inteiro, quando os urubus pousarem em cima da casa...

Macário | *(com piedade)* Como pode dizer tantos disparates, minha pobre irmã!

Lione | É melhor não me chamar de sua irmã. Tenho nojo disso quando lembro... quando lembro... Mas eu não vou morrer e apodrecer só para lhe dar satisfação. Estou inválida mas estou viva, ouviu? Viva! Hei de estar sempre viva para que você nunca se esqueça de nada.

Macário | Mas me esquecer de que, Lione? Você deve estar com febre de novo...

Lione | *(sempre de mau humor)* Ah, estou com febre!... *(agressiva)* E eu lá sou mulher para andar com febre?... *(ri com ar de deboche)* Já sei o que está pensando. Não, irmãozinho, também não é isso. Acabou ontem, quer ver?... Está aqui no cesto, bem vermelho ainda...

Macário | Lione, por favor, pára com isso! Estão nos ouvindo!

Lione | Pois que ouçam! Eu estou me importando com isso? Não são os vizinhos que pagam nossas contas, logo não têm nada que falar.

Macário | Mas é preciso manter...

Lione | ... as aparências? E que aparências? Me responda, que aparências?

Olhe esse tugúrio em que você me meteu! Olhe em volta de si mesmo, saia à rua, olhe essa rua imunda! Que aparência devemos manter?

Macário Mas que culpa temos de só podermos viver aqui? Que culpa os outros têm de também viverem aqui? Será razão para nos rebaixarmos...?

Lione Rebaixarmos? Como nos rebaixarmos mais?

Macário Temos pouco, mas a dignidade...

Lione Dignidade?! Como é que você ainda ousa falar em dignidade? Em manter as aparências? Temos aparências para manter? Não cansamos de ouvir as mais porcas intimidades desse bando que vive à nossa volta? E por que não podem eles ouvir o que dizemos vez por outra?

Macário Uns pobres coitados.

Lione Que não estão aí pra coisa nenhuma! Essa mulher que mora aqui à nossa esquerda, por exemplo. Não a vemos sair de vez em quando arrastar os seis filhos para pedir esmolas na boca do túnel? E ainda faz questão de dizê-lo com a boca cheia!... E esse casal da direita, que quando trepa a rua inteira ouve os bramidos de touro selvagem dele e os relinchos da vagabunda? Isso é manter alguma aparência? Heim? Diga!

Macário Falta de princípios.

Lione Falta de tudo! E então eu lhe pergunto onde está a dignidade, Macário, neste lugar de horrores?

Macário E nós precisamos imitá-los, Lione?

Lione E esconder o quê? E de quem? De gente pior do que nós? Eu não tenho nada para esconder deles! Que o meu "chico" acabou ontem? Ora, faça-me o favor...

Macário Somos pobres, sim, não é preciso estar a toda hora relembrando isso... mas não haverá decência para os pobres?

Lione Ora, que decência? Decência! Essa é muito boa! Decência! Olha quem fala!

Macário Não grite!

Lione (*sibilante*) Hipócrita! Então é indecente o que eu falei?... Está aqui mesmo, no cesto, porra, o que há de indecente nisso? (*mete a mão no*

cesto e tira uns panos sujos de sangue) Olhe só, mas acabou ontem. Se estou indignada não é por causa disso. *(atira o pano na cara do irmão)*

Macário Lione, pelo amor de Deus...

Lione *(escarninha)* E você?... Isso aí não o excita, meu irmãozinho? Não lhe deixa... todo melado? *(ri)* Heim?... Tem homem que gosta, uns até metem a língua. Pena eu ser sua doce irmãzinha, não?

Macário Não é possível! Sempre a mesma coisa, meu Deus, sempre a mesma coisa!

Lione Ora, vai-te à merda! Volta a falar em Deus, Deus, Deus! Mas que Deus, porra? Quem é você, seu sibarita porco, pra apelar a todo momento para o nome de Deus?

Macário Eu só queria... *(desconcertado e sem dar-se conta do que faz, Macário apanha o pano sujo de mênstruo da irmã e mete-o no bolso do paletô)* Eu só pensava... em vê-la um pouco feliz... Pra que ficar desse jeito?

Lione Ora essa, como ele está bonzinho agora! Queria ver-me feliz! Você é um verme, Macário, um triste e nojento verme! Foi isso que você prometeu ao nosso pai antes de morrer? Destruir-me?

Macário Mas eu... não a destruí...!

Lione *(sibilante)* Hipócrita! Hipócrita!

Macário Antes me destruí a mim mesmo, você bem o sabe.

Lione *(irônica)* Remorsos?

Macário *(irritado)* Não! Remorsos não! Nunca, ouviu? Nunca!

Lione Oh, maninho, exaltando-se? O que é isso?

Macário, que por um momento mostra-se exaltado e veemente, volta à pusilanimidade anterior.

Lione Que motivos tem para irritar-se, heim, meu amado irmão? Eu não sou uma boa irmãzinha para você?... Queria tanto ser uma irmãzinha dedicada, carinhosa... não sou? Oh! Você fica triste porque eu não sou boazinha...

Macário Se você deixasse, Lione, se você... fizesse algum esforço... pra que tivéssemos uma vida tranqüila...

Lione Nunca teremos uma vida tranqüila, Macário! Nunca, e você sabe disso.

Macário Não terei expiado todas as minhas culpas? Quando a gente se arrepende...

Lione Cale-se, cale-se que você fica ridículo quando fala em culpa e arrependimento.

Macário Mas... eu...

Lione Mas você o que? Por acaso você se julga culpado de alguma coisa?... Diga, você se julga culpado?... Se não das suas baixezas, pelo menos por ter-me trazido para este lugar?

Macário Não havia coisa melhor, serei culpado disso?

Lione Oh, não, não havia, bem sei que não havia. Então decidiu esquecer o que prometeu a papai. Ora, ele já está morto mesmo, pensou você, não pode ver mais nada. Não foi isso? Qualquer coisa agora serve. Foi isso, não foi?

Macário É possível que você creia nisso?

Lione Então você me trouxe para cá e me meteu neste cubículo.

Macário Sempre vivemos em cubículos, nunca tivemos coisa melhor.

Lione Não, Macário, não há arrependimento quando não há culpa. Mas não é nada disso que importa agora. Que você continue a atormentar-me, é isso o que importa, que me leve à loucura. Pouco se me dá que você me enlouqueça...

Macário Mas que história é essa agora, Lione, de loucura? Quem lhe meteu na cabeça que quero enlouquecê-la?

Lione ...pelo contrário, é o que mais quero. Estar louca e poder cuspir na sua cara e rir depois.

Macário Lione, cale-se que é melhor.

Lione E quem é você para mandar que me cale? Saiba que eu falo o quanto quiser, ouviu? O quanto quiser!

Macário Eu estou cansado, Lione, trabalhei o dia todo, estou chegando agora...

Lione Ah, trabalhou o dia todo? Não diga!... E o que está querendo dizer com isso? Que é muito trabalhador? Muito responsável, muito cumpridor dos seus deveres?... E que eu não sou nada disso, não é?... Heim?...

Macário Ora, Lione, por que é que você distorce as coisas que eu digo?

Lione Quem está distorcendo o quê, Macário? Então eu sou alguma tonta pra não entender suas indiretas?... Suas alfinetadas?...

Macário Indiretas? Mas que indiretas? Que alfinetadas?

Lione *(com voz de choro)* Seu filho-da-puta! Eu sei que você trabalha o dia todo, eu sei, não é preciso dizê-lo, atirá-lo à minha cara a todo instante, como quem diz: eu saio para trabalhar, e você? E você, que fica deitada o dia todo aí, dormindo? só no come e dorme, não faz nada, tem tudo na mão, é por isso que não dá valor!... Eu sei que é isso o que você diz sempre.

Macário Mas quando foi que eu disse isso, Lione? Você não pode estar falando sério!

Lione Acabou de dizê-lo, patife! E se não diz, pensa! Sim, eu fico aqui o dia todo deitada, sem fazer nada, eu sei que sou um peso morto, inútil, e serei sempre esse peso nas suas costas.

Macário Eu nem sequer pensei nisso.

Lione Pensou! Eu sei que pensou, não adianta fingir. Você disse: eu estou cansado, trabalhei o dia todo, mas não teve coragem de terminar a frase, não teve coragem...

Macário Com todos os diabos, terminar o quê?

Lione Não se exalte! Não tem nenhum direito.

Macário Ah, meu Deus, meu Deus...

Lione Eu trabalhei o dia todo, enquanto você ficou aí, no bem-bom, no come-dorme. Não foi isso, meu irmãozinho, não foi isso que lhe passou pela cabeça?

Macário Não! Não!

Lione Mas o que você queria? Como é que eu vou trabalhar? Eu posso costurar neste tugúrio sem luz? Quem se atreveria a vir aqui encomendar

alguma costura?... A única pessoa que não tem medo desta casa é essa velha ordinária da dona Luíza. Você bem sabe que eu tenho tentado...

Macário Mas eu não a estou acusando...

Lione É claro que não está. Como poderia fazer qualquer acusação contra mim?

Macário ...nem pedindo explicações...

Lione E muito menos poderia pedir-me explicações! O que estou falando é pra deixar tudo bem claro: quantas vezes tentei costurar mesmo neste escuro? Quantas roupinhas de lã para bebê eu fiz e tenho feito, para ajudar? Você bem sabe que eu não posso fazer mais nada... Ou quer que eu saia pelas ruas arrastando minhas pernas atrofiadas no chão e pedindo esmolas? Heim? Quer que eu vá expor em público nossa situação de penúria? Quer que eu leve seu nome para a lama? É isso o que quer?

Macário Não acredito no que estou ouvindo, santo Deus!

Lione Então eu vou! Amanhã mesmo eu vou! Vou ali pra boca do túnel, milhares de pessoas passam ali por dia, outros mendigos amontoam-se no mesmo lugar. É pra lá que vou, estender minha mão à caridade alheia...

Macário A que ponto...

Lione Sim, a que ponto, a que ponto!, e os que passarem dirão: “Aquela é Lione, a irmã do Macário da repartição. Vai por meio da rua pedir esmolas pois senão passam fome em casa.” Amanhã mesmo irei, deixe estar!

Macário Não diga bobagens, Lione, você não pode estar no seu juízo perfeito para dizer essas coisas. Quando foi que você passou fome?

Lione Ah, quer dizer que estou doida? Então eu estou doida?... É isso que quer reconhecer em mim, a minha loucura?... Bem sei que deseja que eu enlouqueça.

Macário De novo! De novo, Lione? Puta que pariu!

Macário, durante toda a cena, dá mostras de ir perdendo a paciência pouco a pouco. Agora esmurra a parede.

Lione Não tenha chique, seu frouxo! Por que não me interna logo num hospício? Assim você se livra de mim, não é o que você quer? Livrar-se de mim?

Macário Se eu o quisesse, Lione...

Lione Ah, confessa! Então confessa!

Macário Mas eu não estou dizendo que quero... pelo contrário...

Lione Eu sei que quer, sempre soube, ouviu?, sempre soube, e acaba de dizê-lo!

Macário Lione, pare com isso!

Lione E por que não o faz logo? Livre-se de mim! Interne-me num hospício, num hospital para inválidos, vá embora e deixe-me morrer de fome, mate-me, faça qualquer coisa, qualquer coisa! *(tem uma crise de choro)*

Macário *(Macário está tenso e trêmulo, seu rosto adota uma expressão de desvario)*
Não fale mais nada... mais nada...

Lione Pare de fingir... agora pode parar. Não vai ser com fingimento que vai deixar de cumprir sua obrigação. Passe-me o dinheiro.

Macário Dinheiro...

Lione Sim, o dinheiro, não se faça de desentendido que eu o conheço muito bem. Hoje foi dia de pagamento, não foi?

Macário Mas... preciso dele...

Lione Quem precisa sou eu! Sou eu quem precisa do dinheiro para os meus remédios. Quer me privar dos meus remédios? É isso? Você sabe que sou uma inválida...

Macário Mas eu posso comprar os remédios.

Lione Não, não confio em você. Anda, o dinheiro! Eu peço a dona Luíza, ela compra pra mim, confio mais nela, apesar de ser uma safada.

Macário Mas você a mandou embora...

Lione Não tente enrolar. Você quer me ver sem os meus remédios, quer que eu passe mal e morra, foi isso que prometeu a papai, não foi?... Quer livrar-se de mim, por isso priva-me dos meus remédios.

Macário | A dona Luíza foi embora...

Lione | Ela volta, a sem-vergonha sempre volta. Ande, Macário...

Macário | Mas é preciso fazer compras ainda...

Lione | Se sobrar algum, a dona Luíza faz as compras. Não serei tola de me deixar aqui sem comida. Você bem que queria ver-me morrer de fome, secar, secar e um dia... um dia... Ah, sádico, sádico... mas não, não lhe darei esse gostinho...

Macário | E também preciso comprar umas calças novas... já estou andando quase nu.

Lione | Ora, dane-se você com suas calças! Pra que você precisa de calças novas? Heim? Pra que você quer se enfeitar?... É pra ir na zona com melhor aparência?... É pra gastar o dinheiro com as putas de lá?... Enfiar-lhes no rabo o dinheiro dos meus remédios? É pra isso?

Macário começa a rir, meio nervoso e descontrolado.

Lione | Pois não vou deixar! Primeiro os meus remédios! Eu quero todo o dinheiro, todo, está ouvindo? Depois eu separo o que vou usar nas compras do mês. E só o das compras, que não vou deixar você comprar roupa nova nenhuma. Se quiser foder, procure a dona Luíza.

Macário | Lione!

Lione | Pensa que eu não sei? Pensa que eu não ouvi?... Aquela velha safada... cinquenta anos de sem-vergonhice...

Macário | *(ri, nervoso)* Mas do que é que você...?

Lione | Cínico! Como pode achar graça de sua própria podridão!... É bem um homem, é como todos os homens... Ri-se de sua safadeza?...

Macário | E o que é que você sabe disso?

Lione | Está me chamando de estúpida? Ou de devassa? Que porcas insinuações desta vez? Sou estúpida? Ou sou devassa? Diga! *(Lione descontrola-se, e fica ainda mais furiosa)* Embaixo de quantos homens você já me viu, seu cretino?... O que posso entender de homens?... Por que você distorce o que eu digo?

Macário | Mas quem distorceu o que você disse? Lione, não foi isso...

- Lione Pois saiba que de você e dessa velha ordinária eu sei tudo!
- Macário *(mais descontrolado em seu riso histérico)* Tudo... há-há-há... tudo... hi-hi-hi... tudo *(cai de joelhos)*
- Lione Quantas vezes ouvi vocês dois trepando no banheiro! Nem tiveram o cuidado de fechar a porta! A pobre inválida não levanta mesmo da cama. Porco! Como pode agüentar o fedor de alho das mãos dela! E a inhaca que exala daquele corpo pelancudo? O mau hálito... aqueles gemidos de puta... Que nojo! Que nojo!
- Macário Não diga mais nada! Você sabe que não é verdade!
- Lione Como não! E que outro motivo teria ela para vir aqui cuidar de mim? O belo dinheiro que lhe damos? E que não dá pra comprar nem ao menos o feijão?
- Macário E podemos lhe dar mais, por acaso?
- Lione E é pelo dinheiro que ela vem?... Ou pelo seu “piru”?
- Macário *(grita)* Pare com isso!
- Lione Claro que é pelo seu “piru”!... *(zombeteira)* Com aquela cara, você deve ser o único a quebrar o galho dela. Ela deve pensar: ninguém quer mais nada comigo mesmo, só a besta do Macário. Vale a pena limpar a bunda da parálitica para poder, de ver em quando, dar “umazinha” com o irmão dela.
- Macário Louca! Você está completamente louca!
- Lione *(furiosa)* Não volte a me ofender, seu porco! Pode comer a velha o quanto quiser, que o seu mau-gosto não se discute. Nem o dela! Mas o dinheiro eu quero agora!
- Macário Pois tome o dinheiro *(põe-se de pé, tira o dinheiro do bolso)* ah, não, não agüento mais... tome o maldito dinheiro... *(atira o dinheiro na cara da irmã, que dá um grito assustada.)*
- Macário ...não quero nada... nada... não agüento mais... não agüento mais isso... aaaaaahhhh, não agüento mais isso... aaaaaaaahhhhhhhh!!!

Macário corre para o meio do palco gritando e rindo, desvairado. Cai no chão dando socos e rindo até aquietar-se e, em seguida sofre um a-

taque epilético. Rola, entra em convulsão, solta grunhidos e faz caretas, babando-se.

Lione | *(gritando)* Miserável, miserável... quer me fazer crer que está tendo um ataque... quer torturar-me, atormentar-me, filho-da-puta! Pois role no chão, babe-se, cague-se todo... enlouqueça-me de uma vez... enlouqueça-me... de uma vez... foi isso que prometeu a papai, não foi?... Não foi?!

Lione esmurra a cama e cai em pranto.

Escuridão.

Pano.

Cena II

Cenário – Interior de um bar, à noite. Uma ou duas mesas com cadeiras. Sobre uma das mesas, duas velas num castiçal iluminam a cena.

Relâmpagos e ruídos de trovões, vez por outra, sugerem chuva.

Entram pela direita, com capas de chuva molhadas, Macário e Miguel. O primeiro deixa o guarda-chuva aberto no chão; o outro, trazendo uma garrafa e dois copos, põe-se a mesa em que estão as velas.

Miguel É só cair um temporal para a cidade apagar-se toda. De certa maneira há uma vantagem nisso: nessas noites os bares ficam quase vazios, e a gente pode descansar um pouco. Quem é que consegue respirar com a baderna dos outros dias?

Macário *(sentando-se)* Mas ouça... voltando ao assunto... Eu perguntava o que é que sobra pra nós?... O dia-a-dia é isto: a repartição, os livros de registros, a mesa no canto com a máquina de escrever, as gavetas cheias de papel, carimbos, grampos, clipes, etc.

Miguel Eu entendi, eu entendi o que você disse. Mas aonde quer chegar com isso? Isso a que você alude é a vida de quase todo mundo.

Macário Mas é isso... a vida de quase todo mundo... não, eu não fui bem claro. Quero dizer que não podemos nos resumir nisto. Conformer-se com a coisa é jogar a toalha antes de perder a luta.

Miguel Mas não há como fugir daquilo que a vida nos impõe. É preciso aceitar tudo como parte do jogo.

Macário É preciso subverter as regras do jogo, Miguel! Nada de submissão! É necessário, mais que necessário, urgente cuspir na subserviência... insurgir-se contra ela com fúria destruidora... ou... ou então é preferível enlouquecer.

Miguel Bom, mas como escapar? Você sugere alguma coisa? Tem alguma idéia?

Macário É isso, uma idéia! Todos nós temos de ter uma idéia, porque somen-

te através dela nos libertaremos. Miguel, tudo que temos de ter... veja, que nos acorrentem, que nos prendam braços e pernas e vendem nossos olhos, que nos impeçam de ouvir e falar... em sentido figurado, claro... mas se tivermos uma idéia...

Miguel Uma idéia. E isso é tudo?

Macário Já leu Dostoiévski?

Miguel Uma coisa ou outra...

Macário Lembra-se d'O Adolescente?

Miguel Bem, não cheguei a ler "O Adolescente". Mas a que vem tudo isso?

Macário Pois bem, ele, o grande russo – o que escreveu ele? Do que falou em seus romances?... Eu digo: de todos aqueles que estão acorrentados e mudos, atolados no charco da subserviência e da humilhação... Nas ruas de São Petersburgo Dostoiévski deparou-se com todos eles, os humilhados e ofendidos⁴ que povoam suas histórias. Ele também era um deles, por isso conseguiu entrar em suas almas... Suas criações são quase... eu diria quase metafísicas. E por quê? Porque são postas a nu? Não, não só por isso, mas porque não são apenas homens, seres humanos, mas... almas! E não são nomes, simplesmente... são subscientes trazidos à tona e dos quais eles mesmos nem sequer suspeitam!... E o homem do subterrâneo?⁵ Posso até imaginar como foi! Andava, certamente sozinho, pela cidade, quando num beco qualquer, detrás de um tabique, espiando por uma fresta, deparou com aquele olhar, aquele olhar subterrâneo que brilhava na obscuridade. E quem é que olhava? Quem era o homem do subsolo?

Miguel Como vou saber!

Macário Mas eu sei! Eu sei!

Miguel E quem era?

Macário Eu!... (*ri*) Sim, eu estava lá, detrás do tabique. Também você, todos nós que freqüentamos essas espeluncas estávamos lá, dentro do subterrâneo, espiando pela fresta. Muito bem, mas chegou um dia que, veja, e

⁴ Humilhados e Ofendidos, romance de Dostoiévski.

⁵ Memórias escritas num subterrâneo, conto de Dostoiévski.

foi um jovem, um adolescente...

Miguel Sim, mas o que fez ele?... Não estou conseguindo acompanhá-lo, fale mais claro.

Macário O Adolescente é um dos últimos livros do grande mestre russo. É bem certo que a personagem é um rapazola de vinte anos, verde ainda, mas já esperneia para fixar-se, para se impor... E sabe como? Com sua idéia! Para ele, era a idéia que o distinguia, que lhe permitia individualidade, reconhecer-se como um entre uma turba indistinta, homogênea, de gado humano, de sub-raça.

Miguel E qual era a idéia desse adolescente?

Macário Não, não importa que idéia fosse. Até que sua idéia não era grande coisa, sabe? Ora, o que se pode esperar de grande na cabeça de um rapazinho de vinte anos? O que eu quero dizer é que a importância está na conclusão a que ele, tão verde em anos, chegou, isto é, de que só se tendo uma idéia, um objetivo, consegue-se a libertação.

Durante toda esta cena, ambos vão se embriagando pouco a pouco.

Miguel E de que maneira? Porque, se é assim, eu também posso dizer que tenho uma idéia. Há alguns anos planejo escrever um livro sobre a Renascença Italiana, um assunto que me encanta. Então comecei ler tudo que apanhava sobre o assunto, arte, religião, política, filosofia, ciência. Fiz inúmeras anotações, refleti... Posso lhe dizer que há um ano, pelo menos, o livro se arrasta em seus cinco capítulos concluídos. A verdade é que estou ainda no começo, deverá ser uma obra volumosa... mas fora a satisfação de tê-la ideado e escrito... e vir a publicá-la, se o conseguir... não vejo a que tipo de libertação...

Macário De qualquer maneira você já tem a sua idéia. Ouça, Miguel: o dia-a-dia é como um poço inteiramente vazio, que também parece não ter fundo – parece, porque na verdade a morte, ouviu, a morte pode muito bem ser o fundo desse poço. Pois bem! Vive-se nele, repetitivo, angustiante, como um escritor que escrevesse a primeira frase de seu livro... e enchesse todas as páginas, do começo ao fim, com a mesma frase. Trabalhamos durante a semana e folgamos no sábado à tarde e nos domingos. Ao fim do mês recebemos nosso salariozinho. E entramos no mês seguinte para repetir o anterior. Mas isso não é tudo: é preciso acrescentar, para esclarecer, que não há nada, ouça bem, nada além disso! E assim, em que nos

transformamos? O que nos fica de tudo? Apenas um bocado de pão que ganhamos, e o meio que temos de ganhá-lo...

Miguel Um bocado de pão que nos dá forças para trabalharmos e ganhar outro bocado, e assim por diante...

Macário Sem tirar nem pôr!... Essa servidão... é essa servidão que abomino... o poder é tudo, meu caro. O mundo está dividido em duas classes: os que mandam e os que obedecem.

Miguel Mas não é tão simples, Macário. Será que o caminho é o poder? Pense que mesmo os que possuem o poder se submetem àqueles que lhes estão acima. *(ligeira pausa)* Pense no homem rico que tem vinte mil seres humanos sob suas ordens. Está sempre temeroso das oscilações do mercado, das cotações da bolsa... Ou o poderoso presidente de uma nação... é preciso submeter-se a certas imposições de outros chefes de estado, aos interesses internacionais... No fim, não é só ele quem manda, nunca é só ele quem manda... esta é a ilusão do poder.

Macário está quieto por alguns instantes. Súbito, exclama:

Macário Você já pensou em cometer um crime, Miguel?

Miguel Um crime?... *(faz um movimento de ombros, significando que não entendeu a intenção do outro)* E o que tem isso com...?

Macário Ninguém chega ao poder a não ser pelo crime.

Pausa. Miguel parece pensar nas palavras de Macário. Por fim, responde:

Miguel Mas o crime também pode levar alguém a perder-se.

Macário Somente os mediocres se deixam perder. *(Macário diz com ênfase esta frase, quase inclinando-se na direção do outro. Em seguida muda de tom)* Eu... bem sei que o poder não é para mim... talvez eu não hesitasse diante do crime... não, não hesitaria, mas... Eu sou apenas mais um que está no subsolo, entende, e a única coisa que posso é olhar pela fresta... bem, percebo que há um caminho, mas, francamente... a questão não é titubear diante do crime... afinal, a idéia, a minha idéia... É que não somos nós que escolhemos o poder, e sim ele que nos escolhe... e assim até o crime de que somos capazes será uma releição ilícita se não houver algo de grandioso por trás...

Nesta última fala, Macário torna-se angustiado e hesitante, embaralhando as frases. Muda o rumo da conversa.

Macário | ...Em certos momentos... me dá um branco na cabeça; eu, sabe, acabo sem atinar com o que estava fazendo; se estou indo a algum lugar, já não me lembro por que ia lá, e acontece-me parar no meio da rua sem saber que atitude tomar... outro dia mesmo, veja só, outro dia mesmo fiquei uma hora no ponto do ônibus e só depois é que me lembrei que estava ali para pegar a condução e ir para casa. Deve ter passado uma dúzia deles nesse ínterim, e eu continuava ali...

Miguel | Talvez você só esteja um pouco estafado. Deveria tirar férias, tratar-se... Macário?

Macário alheia-se, não ouvindo o amigo. Fica ausente um minuto mais ou menos.

Miguel | Macário... você está bem?

Macário volta a falar sem responder a Miguel. Muda novamente o rumo da conversa.

Macário | Mas isso não é tudo... O que destrói um homem é o que ensinam a ele desde o berço, as crenças canhestras, a submissão e aceitação disso (*expressão e gesto de desprezo e repugnância designando o mundo a sua volta*), o permanecer calado, sempre calado em seu canto, ir daqui pr'ali, fazer isto e aquilo, abaixar a cabeça, repetir o que lhe disserem e viver como se viver fosse uma lição decorada... Não ter asas para vôos, estar sempre atado! (*pausa, como se meditasse*) Quer ouvir uma história?... Bem, vou contar. Um peregrino vai andando por uma estrada onde, longe em longe, há umas poucas casas. Na primeira encontra um homem que trabalha, cultiva a terra, e o peregrino pára embaixo de uma árvore, observando. O homem trabalha sob o sol e sob a chuva; vem o patrão e dá ordens que ele obedece sem ponderar, vêm amigos e aquilo de que falam revela a estreiteza de seus limites, além dos quais o pobre homem nem ao menos suspeita que algo exista; vem a mulher com uma penca de filhos, o homem põe o mais novinho no colo e fica olhando, pensativo, para o resto da prole numerosa, para a mulher envelhecida... e o peregrino segue adiante. Na segunda casa encontra um religioso que, à multidão reunida, fala do mal, esbraveja contra o pecado, e o

peregrino se detém para escutar. Não lhe importa a multidão, mas as palavras do pregador: “O mal, ele diz, reside em nós, por isso pecamos. O mal, ó vós que ouvis, ouvi e procurai compreender!, é conosco desde muito antes do nosso nascimento, de longe no tempo ele vem como um companheiro invisível, do Jardim do Édem de onde nossos primeiros pais, expulsos, o carregaram feito germe, aos seus filhos legando-o como herança. Portanto não culpai a Deus, ó povo maculado, se sobre vós recai não a divina ira, mas a suprema Justiça, pois só pela Justiça sois esmagados de encontro às rochas.” E o peregrino parte confuso, afinal em toda sua vida atormentava-o a idéia do pecado e, no entanto, ao aplicá-la a si mesmo e à sua própria existência, não conseguia aceitá-la. Que mais ele viu em sua jornada? Leprosários, cadeias, hospícios, gente enferma, gente esmagada pelos dentes das engrenagens, homens que amaldiçoavam os céus, mulheres que se masturbavam com crucifixos, até um criminoso que sem ser compreendido ousava arrepender-se dos seus crimes... Ao fim da estrada estava só e não compreendia nada. Restava-lhe apenas dormir e sonhar. (*Macário novamente abstrai-se. Ao fim de um momento, prossegue.*) Miguel, faz muito tempo...

Miguel O quê?... O que é que faz muito tempo?

Macário Eu ainda era menino, tinha onze ou doze anos. Morávamos, eu, pai e Lione num subúrbio... melhor dizer, nesses arredores pobres de cidade grande. Sabe como é, dessas cidades cujas ruas centrais são muito compridas e largas, arejadas e limpas, de prédios imponentes e vitrines vistosas, onde madames e cavalheiros hospedados em hotéis de luxo passeiam, exibindo seu fausto... mas pouco a pouco, à medida que vão se afastando rumo a periferia, as ruas vão se tornando cada vez mais estreitas, mais entrelaçadas e confusas, os prédios vão se tornando menores, mais amontoados, as vitrines feias e empoeiradas, e o que se vê no lugar dos hotéis de luxo são os puteiros imundos que a plebe frequenta. Morávamos numa dessas ruazinhas estreitas, escuras, onde havia uma espécie de cortiço: ao comprido da rua, de um lado e de outro erguiam-se imensos prédios cinzentos, desses que se dividem numa infinidade de minúsculos tugúrios abafadiços em que uma multidão se amontoa promiscuamente, partilhando a mesma miséria – essa miséria que se exhibe multicolorida de toalhas, lençóis e roupas velhas penduradas nas janelas.

- Miguel Puta merda! Que visão você me dá da coisa!
- Macário A rua não tinha saída: de través, fechando-a como se fosse uma barreira, ficava o prédio onde morávamos. Para entrar em casa, atravessava-se um portãozinho de ferro e um corredor lateral que dava para o bloco dos fundos. Frente e fundos só se comunicavam por esse corredor. O prédio não tinha elevador, era preciso subir uma escada até o sexto andar e, no fundo de um corredor interno, sujo e escuro, ficava a porta da nossa... vivenda. (r) Minha mãe, desde que adoecera, não saíra mais de casa. Não agüentava subir e descer tantas escadas, então ficou confinada ali, no apartamentozinho de sala e dois quartos por quatro anos, e tudo que podia ver da janela era, de um lado o morro que havia atrás do prédio, e do outro o imenso depósito de lixo que fizeram de um terreno baldio nos fundos do prédio. Ela morreu quando eu tinha nove anos e Lione seis, e o pouco que recordo dela é de suas pernas inchadas e quase inválidas, de seus suspiros de cansaço ao lidar na cozinha com dificuldade, e dos seus olhos, seus grandes e parados olhos cor de mel quando à tarde, após a lida, punha-se à janela e ficava olhando o morro, o pouco de céu visível, ou o lixo, parecendo não pensar em nada, longe, longe... por fim não se levantou mais da cama, até morrer...
- Miguel Mas você falava de uma coisa que aconteceu quando tinha onze anos.
- Macário Sim, sim, aconteceu quando eu tinha doze anos. Acompanhara meu pai certo dia ao trabalho, deixando Lione em casa de uma vizinha. Ele entrou em sua sala, pôs-me sentado numa poltrona e recomendou que eu ficasse quieto. Comecei a folhear uma revista para distrair-me, mas nisso a porta foi aberta e entrou um homem que até hoje não esqueço: era gordo e baixo, a camisa florida e de cores berrantes, uma barba cerrada e bem preta cobrindo a parte inferior do rosto. A parte de cima ficava escondida por uns imensos óculos escuros. A impressão que se tinha era que tentava esconder das pessoas o próprio rosto. Tudo a seguir deu-se com muita rapidez: ouvi o dito sujeito passar uma descompostura tremenda em meu pai, que ficou pálido sem saber o que dizer. Do corredor, os curiosos olhavam e cochichavam. O homem aludia a um relatório que mandara meu pai fazer mas que estava errado. Pelo que pude entender, nesse relatório não constou certa quantidade, infi-

ma, diga-se de passagem, de mercadoria que sumira, e meu pai foi literalmente acusado de ladrão. Papai apontou para mim e gaguejou: “Dr. Fulano... o garoto...”, e o homem vociferou: “E quem é o moleque?”, mas como papai não respondesse de imediato, acrescentou: “Seu filho? Saiba que aqui não é lugar para trazer crianças, mas é bom que ele saiba que o pai é um ladrão. O diretor quer vê-lo.” Meu pai saiu dali arrasado, e eu fiquei no mesmo lugar, confuso e envergonhado, sem ousar levantar o rosto para não ter de encarar os curiosos que passavam e olhavam para mim.

Pausa, em que bebem sem dizer nada.

Macário Mas isto não foi o pior.

Miguel O que houve depois?

Macário Tudo se esclareceu. Não havia nenhum sumiço de mercadoria, nenhuma suspeita pesava mais sobre meu pai. E quando eu esperava que ele mandasse para o inferno o homem de barba, o diretor, todos aqueles malditos curiosos e aquele empreguinho de merda, ele voltou a sua mesa, trabalhou todo o resto do dia, do mês... e dos anos seguintes, até morrer seis anos depois. Se não tivesse morrido, lá estaria até hoje.

Pausa.

Macário Passei a desprezá-lo a partir desse dia. Compreendi que meu pai era um covarde, não sabia o que significava amor próprio.

Miguel Com a morte dele, você e sua irmã ficaram sozinhos de todo...

Macário Lione... pobre Lione... Quando éramos meninos estávamos sempre juntos... bem, quase. Eu ficava de longe, olhando-a, encantava-me olhar aquela menininha de olhos grandes brincar sozinha, em silêncio... O que tínhamos eram os corredores do cortiço, mas Lione não gostava da companhia das outras crianças, por isso ia brincar no morro atrás do prédio, e eu a acompanhava... Não brincávamos juntos, propriamente. Ela ia para lá e eu a acompanhava, ela sabia que eu estava ali, olhava-me às vezes, mas eu me mantinha de longe, e ela não fazia um gesto que fosse para que eu me aproximasse. Era uma criança muito estranha... sempre distante, mesmo em casa... arredia e silenciosa, que era minha irmã, mas... como se não fosse...

Miguel E você não tentava aproximar-se, cativar sua irmã?

Macário | Lione às vezes esquecia completamente minha presença... então, sabe o que eu fazia? Escondia-me numa moita onde não pudesse ser visto por ela, e a ficava olhando... Ficávamos fora de casa muitas horas. Lione era obediente, sabe, nem um pouco travessa, por isso mamãe deixava que fossemos brincar no morro... pobre mamãe, sabia o quanto era triste ficar confinada no nosso cubículo, por isso dava-nos liberdade de sair. Quando ela morreu, papai continuou deixando que fossemos brincar lá. Quando dava por minha falta, nem se perturbava, continuava a brincar, e só depois de muito tempo decidia ir embora. Pra não dar a entender que estivera escondido, eu vinha saindo de trás da moita como se viesse de outro lugar, e então ia com ela para casa. Ela ia na frente, eu a seguia um pouco atrás, e quase não falávamos...

Miguel | E foi sempre assim?

Macário | Bem, fomos crescendo juntos, e com a adolescência nos tornamos mais unidos, mas eu, era impossível aproximar-me de minha irmã. Conversávamos, mas era como se ela falasse não tanto comigo e sim consigo mesma, e talvez nem ouvisse o que eu dizia... pelo menos era a impressão que sempre me ficava.

Pausa.

Macário | Lione sempre foi um mistério.

Pausa.

Miguel | Lione... que coisa! Quem diria!

Pausa maior.

Macário | Miguel... quando entro em meu quarto de noite... quando chego em casa e entro sozinho em meu quarto... sempre tenho a impressão de que há um homem dentro do espelho... (*Miguel olha-o, sorrindo com descrença*) que me chama para ir com ele... como se o espelho fosse um portal para qualquer mundo além deste...

Miguel | Um homem no espelho.

Macário | Um homem além da superfície do espelho.

Miguel | Você já bebeu bastante, meu caro. Não acha que é hora de ir para casa?

Macário | ... e o homem me chama para ir... atravessar também o portal e ir com ele...

Macário queda-se alheado, de olhos fixos em algum ponto à sua frente.

Miguel | É, meu caro, já é tarde, tenho de ir. Vamos.

Macário | Ainda ficarei um pouco.

Miguel | Fique então, mas não beba mais. Boa noite. *(sai)*

Macário | Boa noite. *(Após uma pausa, sozinho)* Lione, Lione...

Escuridão.

Pano.

Cena III

Cenário – Uma rua, a noite.

Há pouquíssima luz, de preferência uma luz de cor terrosa, que caia no centro do palco.

Macário surge ao fundo.

Macário | Então foi isso o que aconteceu. Eis os fatos tal como se deram. Quantas vezes já falei disso? Quantas vezes repeti essa mesma história? E quantas vezes terei ainda de repeti-la, não para convencer-vos, a vós que me ouvis, mas a mim mesmo, de que na verdade fui menos culpado do que pareço?.. Aqui estou eu de novo a andar pela rua sem rumo certo. É bem feio este lugar, não me lembro de ter vindo aqui antes. Ora, provavelmente de dia, com o sol, pode ser um lugar bem alegre, mas a estas horas e com as lâmpadas quebradas, fica assustador. Bah, assustador... O que há aqui para amedrontar-me? Ladrões? Quem viria roubar-me num lugar desses? Nessa escuridão pensariam que sou um “colega”, e eu iria embora sem ser molestado... E é até bom andar pela rua a estas horas, duas da madrugada, nenhum carro, ninguém mais se arrisca a vir por estes becos. Também, o fedor!... Como fede isso aqui, deve haver montes de lixo por perto, mas não é só isso: os mendigos aproveitam esses becos para se aliviarem. É nisso que se transformam as grandes cidades. Imensas latrinas. Que nojo... que nojo eu sinto disso tudo... prédios enormes, vastas estruturas de vidro fumê e cimento armado... grandiosa cidade dos cartões postais... Eu faria cartões postais dos becos onde os mendigos dormem, e dessas calçadas cheias de lixo, com montinhos de merda aqui e ali: “Venham fazer turismo e conhecer a merda do Rio de Janeiro, sentir o cheiro da Cidade Maravilhosa... ver o povo saudável que mora nas calçadas, nas marquises, nos viadutos!”... Já ando farto... Ora, por que esse discurso social agora?... Fodam-se todos, que morram, que atirem uma bomba H sobre essa maldita cidade. Se não vêem a verdade, é porque não querem, e se aceitam a máscara como verdade é porque lhes é conveniente, porque todos enfim sabem... sabem o que há de fato sob as aparências. Bando de cínicos, cães!... Queria vê-los queimar. Anseio

pela 3ª Guerra, quero ver essa cidade cretina arder... Construam bombas, sim, bombas atômicas, joguem quinze delas sobre esse lugar corrompido! Somente o fogo de Deus pode purificar a terra da contaminação!... Quero ver como será a fogueira... Mas, exclamais vós, como pode você falar no Fogo Purificador, se nunca na verdade chegou a crer nEle?... E acrescentais: como você ousa julgar que escapará da destruição para ver de longe a fogueira?... Ah, posso ouvir-vos, e muito bem!, por isso respondo: o que sabeis vós da contaminação, ou melhor dizendo, do pecado? O que sabeis vós desse mal que impregna o seio do homem? (ri) E, por fim, o que sabeis de mim, para me acusardes?... Não, também eu estou impregnado, também eu fui tomado pela febre... e posso mesmo afirmar que uma vez ou outra achei que Deus não existia. Mas um dia compreendi que me havia enganado. De súbito o compreendi... e tão sem explicação que somente Ele pode ter-me iluminado naquela hora. Então disse para mim mesmo: devo reconciliar-me com Ele. Não me promete a paz se eu O servir? Servi-IO-ei! Sim, servi-IO-ei aplicando Sua ira, e foi por isso que nunca a temi. Antes não a temera por duvidar dela, e depois por tornar-me seu instrumento. Vos estais surpresos? Não esperáveis por isso? Deveis, então, ouvir o resto: Deus mostrou-me a vida obscura e diminuta, e fez-me participar dela, e sufocou-me instante a instante, dia a dia, por todos os anos, e tudo o que eu via à minha volta eram paredes tolhendo-me a visão do infinito, e correntes atando-me os pés... Deu-me a ciência do Mal, mas antes fez-me cair nele e experimentar suas delícias enganosas, e por essa razão conheci a dor... Por fim permitiu-me a compreensão, que a dor, e só a dor – sabe! – nos dá o conhecimento da Verdade. E assim, com a unção da idéia que ilumina o pensamento apercebi-me do trabalho que tinha a fazer... e o estou fazendo... porque espera-me o laurel tão certo como ver-me a mim mesmo no espelho se me olho nele... (Macário por alguns instantes torna-se pensativo, e continua como se falasse consigo mesmo) Tudo à minha volta esfacela-se na mesquinharia, no terra-a-terra, no apodrecimento da condição humana... mas para além de tudo isso reside o sonho... Por isso quero ver como será a fogueira... subir no cimo das catedrais e contemplar as cinzas, os arranha-céus enegrecidos, brilhantes e barras de ouro espalhados na rua não despertando mais a cobiça... Quero rir da humanidade destruída, portanto sobrevenha o Apocalipse, sobrevenha!, que mal posso esperar para rir, rir, rir! ... (ri)

*Um espectro feminino surge à esquerda, envolto em véus brancos.
Macário imobiliza-se de espanto.*

Espectro

Homem, carne sem luz, criatura cega,
Realidade geográfica infeliz,
O Universo calado te renega,
E a tua própria boca te maldiz!

O númeno e o fenômeno, o alfa e o omega
Amarguram-te. Hebdômadadas hostis
Passam... Teu coração se desagrega,
Sangram-te os olhos, e, no entanto, ris!

Fruto injustificável dentre os frutos,
Montão de estercorária argila preta,
Excrescência de terra singular.

Deixa tua alegria aos seres brutos,
Porque na superfície do planeta,
Tu só tens um direito: o de chorar!⁶

Em silêncio, o espectro some ao fundo.

Macário

Será que me embriaguei... a ponto de ver fantasmas?... Sim, porque... isso não era uma mulher. Ela sumiu por ali, e ali não há passagem alguma, é só parede!... E o que estaria fazendo uma mulher na rua a uma hora destas?... E logo aqui?... Um fantasma, uma visão... qualquer coisa, menos uma mulher... no entanto possuía um rosto... e aquele rosto, e aquela voz... Oh, lembro-me!... Ainda uma vez posso lembrar-me... Ainda uma vez, tudo de volta aqui dentro, como se no lugar do cérebro eu tivesse um braseiro... Tudo caiu em derrocada desde então... Talvez eu nem devesse estar andando na rua a esta hora... mas onde, em que outro lugar posso encontrar essa quietude, essa paz, esse descanso?... Aquele rosto... e aquela tarde de sol sobre as montanhas... fôramos ali, eu e tu... tu que te perdeste entre paredes que ignoro... que te foste por passagens secretas que não sei... que tentei reencontrar, mas, quando dei por mim, percebi estar perdido também, e o que tinha então... era não poder voltar... A única vez que

⁶ Soneto de Augusto dos Anjos.

estivemos ali, meu Deus, sozinhos, olhávamos o sol pôr-se, e eu furtivamente fitava teu rosto, comprazia-me em contemplar tua beleza... Tomei tuas mãos e pela primeira vez ousei olhar dentro dos teus olhos, e olhei tão exacerbadamente que compreendeste... Mas tu já sabias, há muito tempo sabias de tudo e te calavas, como que aguardando... Naquela tarde convidara-te a irmos lá, e então adivinhaste; antes, antes mesmo que eu tivesse qualquer pensamento, adivinhaste. Hoje, quando me lembro, quando me lembro... consentindo em ir comigo, compactuavas com tudo, pois naquele momento já sabias o que estava para acontecer... e que aconteceria à tarde, antes de pôr-se o sol, no ermo da encosta sobre a ravina... conquanto eu... eu mesmo... só ficasse sabendo no instante em que tomei tuas mãos e olhei dentro dos teus olhos... onde vi brilhar não o sol vermelho do poente, mas um outro sol convidando-me a ti... e então... então tu te deitaste na relva e eu me reclinei sobre teu corpo em adoração, de olhos fechados e trêmulo não só de desejo, mas também de medo... desse medo que nos toma e nos domina se ousamos assomar os umbrais de um mundo proibido... Mas naquele momento, o que poderia haver de proibido para nós... para nós que, sozinhos, pensávamos poder recriar o Paraíso Perdido?... Lembro-me de como a luz dourou tua carne de marfim, quando a blusa aberta resvalou dos teus ombros para a grama, e de como deixaras que eu te despisse sem nenhum gesto que me retivesse as mãos... Nada disseras, a não ser para pedir: “Aquele Cântico... diga-o para mim...” E eu, beijando-te no umbigo, assenti, e de olhos fechados deitei-me ao teu lado, e murmurei: “Eis que és formosa, amiga minha, eis que és formosa; os teus olhos são como os das pombas entre as tuas tranças; o teu cabelo é como o rebanho de cabras que pastam no monte de Gileade. Os teus lábios são como um fio de escarlata, e o teu olhar é doce. O teu pescoço é como a torre de Davi, edificada para pendurar armas; mil escudos pendem dela, todos broquéis de valorosos. Os teus dois seios são como os dois filhotes gêmeos da gazela, que se apascentam entre os lírios. Antes que refresque o dia irei ao monte da mirra, e ao outeiro do incenso...”⁷ E tinhas os olhos fechados quando terminei, e um sorriso, uma vaga insinuação de sorriso antecipava em teus lábios o prazer que podíamos conceder um ao outro com nossos corpos... Descerraste os olhos, fitando-me, e ainda...

⁷ Cântico dos Cânticos de Salomão, Cap. IV, versos 1 a 6.

nenhuma palavra... mas toda me convidavas para ti, e quando me pus sobre teu corpo... o teu corpo semelhante ao “monte da mirra e ao outeiro do incenso”... as tuas pernas se abriram docemente... e pudéramos assomar então, juntos, a esses umbrais proibidos... e a muito além deles...

Pausa mais longa, em que Macário permanece imóvel como que em transe, enlevado por suas recordações.

Volta à realidade então. Mete a mão no bolso do paletó, encontrando o pano sujo de mênstruo da irmã.

Sofre um abalo, caindo de joelhos, o rosto no chão e apertando o pano entre os dedos.

Macário | Ah, Lione... não.... por que tu tens de vir sempre, sempre destruir meus sonhos?!... *(esmurra o chão, soluçando)*

Escuridão.

Pano.

Fim do Primeiro Ato

Segundo Ato

Cena I

CENÁRIO – Quarto de Macário.

Quando o pano sobe, Luíza está sentada na cama, vestida com um “baby-doll”.

Macário entra.

Durante o dialogo, Luíza mostra-se uma mulher vulgar e burra, tornando-se inútil a tentativa de Macário explicar-lhe os motivos de seu desespero.

Macário	São essas coisas que tornam a vida, a minha vida, a nossa vida, pequena. Você já se deu conta disso, Luíza?
Luíza	Pra mim é tudo bobagem.
Macário	Não, você não entende.
Luíza	Não entendo mesmo. Como é que eu vou entender um cara que prefere ficar falando essas baboseiras, em vez de vir pra cama?
Macário	O Miguel... ele de certa maneira compreendeu a coisa. Com ele talvez se dê o mesmo.
Luíza	Mas ele não ia pra cama com você, benzinho, por isso tinha paciência pra ficar escutando essa conversa.
Macário	Com todos os diabos, você só pensa em cama! Tem hora que é preciso falar de outras coisas também!
Luíza	Que é que há, meu chapa? Eu estou te estranhando. Não é você que vive dizendo que a gente tem de aproveitar na hora que sua irmãzinha está dormindo?... Então? Ela agora está até roncando.

Macário Tá bom... tá bom, mas ouça, ouça o que eu quero dizer.

Luíza (*com enfado*) Está bem, diga, diga tudo o que você quiser. Que é que eu posso fazer!

Macário Existem dois mundos para o homem: um é este em que vivemos...

Luíza Olha, do outro eu não quero saber. Morro de medo dessas coisas!

Macário Mas que coisas?

Luíza Esse negócio do “outro mundo”, coisas do além. Isso não é comigo.

Macário (*impaciente*) Não é nada disso! Por favor! (*pausa*) Eu estou dizendo que há dois mundos para o homem, mas um deles está sempre além de onde pode alcançar.

Luíza Não estou entendendo patavina.

Macário Eu quero dizer, Luíza, que o homem, isto e, eu, você...

Luíza Pera'í, eu sou mulher!

Macário ...qualquer pessoa, possui dois mundos seus, mas na verdade só um é acessível. Que mundos são esses?... Um é este que conhecemos; basta abirmos a janela e temo-lo diante de nossos olhos; saímos à rua, e estamos nele, no trânsito, na multidão, apagados, obscuros, partilhando com milhões de pessoas iguais a nós a estreiteza sufocante da mediocridade. (*pausa*) Mas o outro... o outro, ah...

Luíza (*com uma careta, coçando a cabeça*) Mas que conversa fiada!

Macário Luíza, o outro é aquele que sonhamos. Cada um com o seu, invariavelmente imaterial, distante... parece real, quase o tocamos, mas... ele está aqui (*toca a cabeça com o dedo*), só aqui, na ilusão, no sonho...

Luíza E pra que ficar sonhando alto? Pra cair da cama dentro do penico?... Não é com sonho que ganho o meu feijão de cada dia...

Macário O feijão! Mas é isso, Luíza, esse é o grande mal das massas, o feijão...

Luíza Ah, aí eu concordo! Mas eu prefiro mesmo feijão, o feijão com arroz de todo dia, porque esse negócio de massa engorda que é uma loucura! E eu pra engordar... nossa! Nunca vi!

Macário ... isto é, como ganhá-lo, quanto ele custa. É só nisso que as pessoas

vivem pensando, levam suas vidas insignificantes sem nenhuma elevação, sem algo... maior. Tudo, para elas, é pequeno, rotineiro. Não saem nunca da esterilidade estranguladora de suas diminuições diárias, de suas mortificações quotidianas. Veja como é... patética... essa diminuição que lhes é imposta... essa minusculização diante das coisas grandes, das idéias, sim, das idéias que por si mesmas se perpetuam!

Luíza *(cantarolando)* Balela, balela...

Macário Veja as pessoas, os exemplos estão aí, diante dos nossos narizes. Que fazem elas? Passam os dias em suas casas, varrem aqui, espanam ali, ficam cortando legumes e verduras para o almoço ou para o jantar, ou então saem para o quintal e se põem a conversar com os vizinhos... “Onde vamos parar, veja como as coisas estão caras!”, “É mesmo, tudo sobe de dia para dia”, ou então ficam falando de seus rebentos, já viu como são idiotas os pais quando começam a falar das tolices de seus filhos, julgando-os muito espertos e inteligentes?... E repetem essas asneiras o ano inteiro, e no ano seguinte é a mesma coisa, e no outro também. É só o que fazem, dizer banalidades, falar do preço do feijão, pois que não sabem falar de outra coisa; nos seus horizontes restritos só vêem e compreendem isso. *(pausa)* Quanto me angustia isso!... Quanto eu daria para ver-me livre... livre dessa... *(suspira agoniado)* E eles nunca se dão conta do quanto se repetem, não percebem que aquilo de que reclamam é sempre o mesmo, que vivem discutindo os mesmos problemas banais de dez anos antes como se fossem novos, como se não os pudessem resolver, sem se aperceberem de que os vêm resolvendo a vida toda; que os preços sobem a cada dia e, que apesar de apertarem o cinto a cada dia, nada, na verdade, mudou!... Que toda a vida apertaram o cinto, e que não saberiam... talvez... viver de outra maneira... Sim, folgue-lhes o cinto... e já não saberão viver!... E quando vão à feira?... É engraçado... e triste ao mesmo tempo... as comadres indo de barraca em barraca saber o preço da batata, da vagem, da cenoura... Mas é o hábito da miséria! Estivessem todos os preços iguais, e soubessem elas disso, ainda assim continuariam indo de barraca em barraca...

Macário vai ficando angustiado com sua própria ironia, e essa angústia transparece-lhe no rosto.

Macário E então começam a apertar com os dedos aqui as cebolas, ali as batatas, sopesando-as, e toca a cravar as unhas nas vagens, nas cenouras,

pra ver se não estão murchas, comentam entre si como se discutissem uma importante questão científica. Depois põem-se a pechinchar... Oh, isso de pechinchar... Como isso é... massacrante!... “Quanto é?”, perguntam, e o barraqueiro sem tirar o cigarro da boca e já entregando um embrulho a outra freguesa, “um e cinqüenta”. Então olham o legume mais uma vez, põem a mão – é triste, mas não sabem ver sem por a mão – e dizem: “Mas não dá pra fazer por um e vinte?” e o barraqueiro sem prestar atenção já berra qualquer coisa ao seu ajudante ou ao barraqueiro vizinho. Volta-se para a freguesa: “Um e cinqüenta, dona. Vai?”, “Mas não dá pra fazer por um e vinte?”, e o barraqueiro fecha a cara e não dá mais atenção. *(ligeira pausa)* Ter de ver essas pessoas todos os dias, ouvir suas bobagens, suas risadas parvas... como é triste tudo isso!... É terrível, meu Deus, estar ali, com as mãos, espremendo as cebolas, os tomates... é pequeno, limitado demais! E o pior... chegar em casa com suas compras e por as panelas no fogo... o último e filosófico ato de pôr as panelas no fogo..

Pausa maior.

Macário | É tudo o que poderemos, o que poderei ter... só isso, sempre?
Luíza | Macário, quando é que você vai acabar com essa lengalenga, heim?
Macário | Mas o outro mundo... *(adquire um ar sonhador)* Entrar nele é encontrar tudo aquilo que não se tem nessa estreiteza diária. Não só nos vermos libertos disso tudo, não, não só isso... mas também o amor... o amor...

O Homem do Espelho surge por um breve momento. Luíza não o vê.

Homem do Espelho | O mundo que eu quero está no sonho... mas a que distância?... Por que não libertar-me de tudo, não atravessar o espelho, por-me logo a caminho?

Macário aproxima-se do espelho, olhando-o como que hipnotizado.

Homem do Espelho | Será inexpugnável essa fortaleza que se chama ilusão?... Não o será mais essa que se chama realidade?... Qual das duas possui paredes mais espessas e maiores solidões?... Onde secar essas lágrimas de chumbo que se choram por dentro?... Mas o espelho é o caminho, o umbral, e além dele está tudo aquilo que se busca... *(sai)*

Luíza, sem compreender por que Macário olha fixamente o espelho, grita-lhe:

- Luíza Macário!
- Macário *(volta-se para ela, e aponta para o espelho)* Você viu?
- Luíza Viu o quê, homem? Ficou doido?
- Macário *(recuperando-se, mas ainda com voz baixa e pausada)* Nada... nada, eu... apenas estava... pensando.
- Luíza *(aproxima-se dele, tentando abraçá-lo)* Então, que tal se... a gente começasse a... brincar um bocadinho?
- Macário *(desvencilhando-se)* Não... não...
- Luíza *(irritada)* Mas, Macário, o que é que há?
- Macário Nada, é que eu... bem...
- Luíza Que foi? Broxou? Arranjou outra? Se não me quer mais é só falar que eu vou embora, porra! Ou você acha que venho aqui só pra cuidar da chata da tua irmã?
- Macário Por favor... cale-se, não fale alto... Eu já não lhe pedi?... já não lhe avisei que não quero que ela... que ela perceba?... Se ela desconfia que você vem pra cá e que nós... nos encontramos aqui em meu quarto... olha que ela já desconfia. É por isso que não quero mais, pelo menos aqui...
- Luíza E o que é que tem que ela saiba?... Ou será que ela imagina que o irmão é algum...?
- Macário Não... é que ela, coitada, está sempre sozinha... nunca sai... não tem ninguém...
- Luíza *(com surpresa)* O quê?
- Macário Pois é... imagine se ela descobre sobre nós... e que acontece justo aqui?... Uma pessoa solitária... que leva a vida de uma maneira quase vegetativa... mas que por certo também tem sonhos... e que seu outro mundo inalcançável está ali, diante dos olhos... não esses, os do corpo, mas outros mais acurados e ansiosos... e está ali diante deles como uma miragem... só uma miragem, percebe?... por que, então, torturá-la, fazendo-a evocar ainda mais...?

Luíza Mas será possível, Macário, que você acredita mesmo no que está falando?

Macário Como assim?

Luíza Nisso de que ela vive só, que sua pobre irmãzinha paralítica não tem ninguém?

Macário Mas é claro que não tem!

Luíza É possível então que você não saiba de nada?

Macário Mas que eu não saiba do quê, Luíza, do quê?

Luíza Do... do namorado dela, ora.

Macário O quê?!

Luíza Encontram-se pelo menos duas vezes por semana. *(começa a vestir-se)* Eu pensei que você só não comentasse por discrição.

Macário Você quer dizer que ela se encontra com um homem aqui?

Luíza É o que estou dizendo.

Macário Você está caluniando Lione! Uma pobre-coitada! E só porque... porque se zangou comigo! Oh, isso é sórdido, Luíza, sórdido!

Luíza Ah, duvida?

Macário Você é muito baixa!

Luíza Não precisa ofender! Quer prova?

Macário Quero! Prove essa baixaza que você acaba de dizer!

Luíza Amanhã... amanhã de manhã, às dez... fique ouvindo embaixo da janela do quarto, no beco ali atrás, fique ouvindo, e você vai ter a prova que quer.

Macário Dez da manhã? Eu estou no trabalho.

Luíza Ora, dane-se o trabalho! Se o que quer é uma prova, então, até amanhã – às dez da manhã, entendeu? Boa noite. *(sai)*

Macário Luíza... espere... espere, Luíza! *(sai)*

Escuridão no palco.

Pano.

Cena II

CENÁRIO – Quarto de Lione à direita, ocupando maior espaço no palco. À esquerda, exterior da casa, dando para a rua.

Quando o pano sobe, no interior do quarto Lione está recostada em sua cama, meio coberta por um lençol, com os cabelos e a blusa em desalinho; pode exibir um seio seminu. No exterior, Luíza olha para algum lugar (na direção dos bastidores) como se esperasse alguém ansiosamente.

Macário entra pela esquerda.

Luíza	Como você demorou! O melhor eles já fizeram.
Macário	Eu ainda não acredito em nada disto! Só estou atrasado dez minutos.
Luíza	Quanta coisa pode-se fazer em dez minutos!
Macário	Ele está aí dentro... com ela?
Luíza	Hum-hum.
Macário	Vou entrar e pôr fim a essa sem-vergonhice!
Luíza	Não seja tolo, não faça nada por enquanto. É bem melhor ouvir primeiro o que eles dizem. Afinal, não é uma comprovação que você quer?
Macário	Tem razão... tem razão, vou ficar ouvindo...
Luíza	Então se esconda no beco aí atrás. E como não precisa de mim agora, <i>(irônica)</i> bom espetáculo, o palco está armado. <i>(sai)</i>
Macário	<i>(p/ si mesmo)</i> Vai, coruja agourenta... como é que fui me envolver com uma mulher destas!

Macário esconde-se no beco, atrás da casa. Não é mais visto até o final da cena.

Miguel entra pela direita afivelando o cinto e com a camiseta no ombro.

Miguel	Ah, Lione, que beleza! Como é bom um banho depois de uma trepadinha.
--------	--

Lione Preferia que não falasse desse jeito. Você sabe...

Miguel O quê? Que jeito? Trepadinha?

Lione Você sabe... isso é de mau gosto.

Miguel Ora, o que é que tem demais?

Lione Eu não gosto... eu queria que sempre ficasse alguma coisa depois... no fim.

Miguel Ficasse o quê?... Não estou entendendo. Transar é transar, só isso.

Lione Só?... Pra você é só isso? Você não sente nada?

Miguel O que você sente, o que todos sentem, ora essa!

Lione Não é disso que estou falando, e você está me entendendo.

Miguel Você sempre fala essas coisas, Lione...

Lione Eu estou falando de ternura...

Miguel Ternura?

Lione ... e de encanto também. Entre pessoas não pode ser assim... mecânico, formal...

Miguel Você está reclamando do quê agora? Ah, não me venha com essa!

Lione Não posso pedir isso a você? O que é que tem de errado?

Miguel Você quer que eu finja?

Lione Fingir?!... Mas... fingir?!

Miguel Só se eu fingisse, você sabe muito bem!

Lione Então finja! Se é preciso fingir, finja! ... Finja que me ama, dá-me o carinho... que não tenho, oh!, Deus! Deus! É humilhante isso... humilhante... Você é um animal, um animal!

Miguel Pare com essa cena, Lione! Se não eu vou embora, vou e não volto mais aqui!

Lione Ah, vái? Pois vá... vá! Eu nunca sei quando você volta mesmo, nunca sei... Todos esses dias que passo esperando, essas manhãs que parecem não ter fim... então fico olhando o relógio, a hora que se aproxima, e nada... que diferença vai fazer se você for e não voltar mais?

Miguel | *(faz um muxoxo)* Ora!...

Pausa.

Lione | Você sabe o que é o tédio?... Você é capaz de imaginar o que seja ficar o dia inteiro aqui nessa cama sem ter o que fazer, ora lendo, ora tricotando enxovalzinhos de criança, e isso ao longo das semanas, dos meses... ao longo dos anos, seis anos que eu estou aqui... Sabe o que é isso?

Miguel | Imagino o que seja.

Lione | *(irritada)* Imagina coisa nenhuma! Você só o que sabe fazer e vir aqui... aproveitar-se...

Miguel | Aproveit... o quê?! Como é que você tem a coragem...?

Lione | É isso mesmo, está ouvindo? Não retiro nem uma palavra... Seja pelo menos homem de assumir que só vem por interesse.

Miguel | Mas é muito descaramento!

Lione | Então responda: eu atraio você? Vamos, diga, o que foi que sentiu por mim quando me conheceu? Heim?

Miguel | Ora, eu estou negando, por acaso? Eu não disse há pouco que não poderia fingir?... O descaramento é você estar aí agora reclamando disso. E os outros? E todos os outros? Algum se apaixonou por você?

Lione | Por que me pergunta isso?... Sabe que é uma pergunta cruel.

Miguel | Mas você não agiu sempre da mesma maneira, com todos?

Pausa.

Lione | Só tenho você... Você vai pra rua, trabalha, encontra outras mulheres, mas eu fico sozinha aqui... e eu não me importo, você sabe. Como é que eu poderia me importar, não é?... Está certo, vá pra rua, arranje outras, tudo bem... mas quando estiver aqui... quando vier...

Nova pausa.

Lione | Só quem vem é a dona Luíza. Mas ela me aborrece, é ranzinza, faz tudo com má vontade. Os vizinhos... bem, os vizinhos não são muito amistosos conosco... mas por culpa do Macário, todos têm um pouco de medo dele.

Miguel Medo do Macário? E por quê?

Lione Acham que meu irmão está ficando doido. Foi a dona Luíza que ouviu por aí... E eu acredito. Eu acredito, porque... há dias em que o ouço falando sozinho no quarto. Só dá pra ouvir quando ele fala mais alto, há ocasiões em que chega a gritar... esbraveja... é como se falasse com uma multidão... E eu tenho medo também, morro de medo, Miguel, sozinha aqui com ele... os vizinhos andam comentado...

Miguel E o que é que dizem? Você sabe como essa gente é linguaruda e aumenta as coisas.

Lione Foi a dona Luíza quem falou. Alguém o viu de madrugada andando pela rua e falando sozinho.

Miguel Falar sozinho não é sinal de loucura em ninguém. Eu mesmo às vezes...

Lione Mas não é só isso... se ainda fosse apenas andar pela rua à noite, resmungando consigo mesmo... Acontece que eu vejo às vezes dentro dos olhos dele... é um jeito de olhar que parece... parece querer ir além de nós mesmos e aí agarrar aquilo que está vendo... e esmagar com as mãos. Só que não posso deixar que ele perceba meu medo. Então grito com ele, brigo, brigamos, e ele tem ataques...

Miguel Ataques? Que espécie de ataques?

Lione Epilepsia.

Miguel Ele tem ataques epiléticos?!

Lione É assustador... eu quase ficou louca também quando ele começa.

Miguel Ele nunca me disse que tinha esses ataques.

Lione Outro dia aconteceu uma coisa...

Miguel O quê?

Lione Era de noite, e eu ouvi a voz dele no quarto... falava sozinho, alto às vezes... Então silenciou e eu pensei que ele tivesse saído... sai sempre sem avisar para onde vai e a que horas volta... Mas continuei prestando atenção para me certificar... Não conseguia escutar nada, até que de repente ele abriu a porta do meu quarto e parou na entrada... fitava-me com aqueles olhos de louco... eu me encolhi, olhando-o com medo, e

depois de um momento ele disse: Lione, ele está lá!!

Miguel Ele quem?

Lione “O que sempre vem falar comigo está lá, e me convida para segui-lo”, ele disse. Então eu disse: “Macário, acalme-se e explique o que está acontecendo. Quem está aí?” E ele disse: “O desconhecido que aparece todas as noites no espelho grande do quarto, e me chama para lá...” Eu fiquei sem saber o que dizer, trêmula de medo. Então ele se virou para sair, chegou a se afastar um ou dois passos no corredor, mas voltou e olhando-me disse: “Lione, um dia vou com ele... e se for não volto mais.” Daí, saiu pra rua e não vi a que horas chegou.

Miguel Que estranho!

Lione Ele está ficando louco.

Pausa, após a qual Lione muda o rumo da conversa.

Lione Um dia você apareceu aqui em casa...

Miguel Eu lembro. Era folga do Macário e nos encontramos no refeitório da fábrica. Ficamos conversando, ele me convidou, e eu vim.

Lione Eu me apaixonei por você. O que é que eu posso fazer?

Miguel E também por todos os outros de quem você já me falou. Também por eles você se apaixonou... Está claro que você se apaixona por todos que conhece.

Lione Que tem os outros? É você quem eu quero agora.

Miguel Enquanto outro não aparece. Quando aparecer, você dirá para ele as mesmas bobagens, fará o mesmo que fez comigo. Vai ser sempre assim.

Lione *(irada)* Sim, vai ser sempre assim, é claro que vai ser sempre assim. Que tipo de homem você é? Sofre de amnésia por acaso? Ou acha que eu sou alguma imbecil? Que ando delirando?... Seu cretino dos diabos! Sim, fiz você vir aqui do mesmo jeito que os outros. Essa velha alcoviteira sempre serviu bem aos meus propósitos, e sabe pelo menos ser discreta para que meu irmão não perceba.

Miguel Ou ele sabe de tudo e faz vista grossa? Será que os vizinhos não notam, não comentam?

Lione Se eles sabem, nunca disseram ou comentaram nada com o Macário.

- Sei do que ele seria capaz se descobrisse. Mas é de você que estou falando. Sim, fiz você vir aqui, e daí? Você veio, é o que importa.
- Miguel Pra você é só o que importa, pelo visto.
- Lione É isso que importa, sim... E também que tenha aceitado minha proposta. Quando conversamos percebi que... era dos meus. Não, porque se há uma coisa que não sou é tola. Vejo longe, e com clareza. Sabia que houve casos de os convidados... não voltarem? E sabe por quê? Porque eu percebia neles uma certa firmeza de princípios que não lhes permitiria aceitar meu jogo. Então a dona Luíza lhes servia um cafezinho, ficava comigo até o fim da conversa e eu, após pedir que não comentassem com ninguém a visita, deixava-os ir embora pensando que se tratava somente do capricho de uma pobre inválida convidar pessoas que viessem aqui para conversar, só conversar.
- Miguel Tudo isso pra dizer que eu não tenho caráter?
- Lione O que menos me interessa é um homem de caráter. Se todos o tivessem eu estaria perdida.
- Miguel Lione, isso me espanta! Não entendo... Sim, sou um homem sem caráter, sou um aproveitador, um oportunista, o que você quiser; mas apesar disso não consigo entender como é que você pode agir dessa maneira.
- Lione De que maneira?
- Miguel A sua hipocrisia, Lione, como você é hipócrita!... Como é possível em certos momentos afetar carência, solidão, e em outros falar como agora, metodicamente, de como é capaz de conhecer um homem sem princípios para agarrá-lo... e ainda que é preciso ser um cretino... sim, um cretino, pra aceitar o que você chame de “o seu jogo”! Onde, já que estamos falando de caráter, onde está o seu caráter?
- Lione E eu tenho? *(ri, debochadamente)* Se tivesse arrancaria dinheiro de meu irmão para “pagar” homens como você pra treparem comigo?... O que menos me interessa e ter caráter... e os homens que o têm não me servem de nada. *(nessas frases finais, a voz de Lione adota um nítido acento de dor)*

Pausa prolongada em que evitam olhar um para o outro.

- Lione *(Lione recomeça, metódica)* Eu raciocino assim: homens do nosso meio – e eu só posso conhecer homens do nosso meio, amigos de Macário, que quer? –, pois bem, homens de nosso meio, iguais a você assim, estão sempre “apertados”... bem, tenho cá minhas economias, faço enxovaizinhos de criança para vender, e arranco dinheiro de meu irmão... quando aceno com a possibilidade de um empréstimo (a fundo perdido, fique bem claro, eu sei disso), uma pequena importância hoje porque tem sempre a desculpa de um gasto imprevisto, outra pequena quantia amanhã... Diga-me, homens de caráter podem me interessar? Aceitariam entrar tacitamente no jogo?
- Miguel Isso às vezes me cansa, Lione. *(olha para ela e continua)* Sim, eu não tenho caráter... mas não o terei de todo? Serei totalmente destituído de brios?... Então por que, às vezes, esse... cansaço...?
- Lione Cansaço... de mim?
- Miguel Desta situação. Já não me sinto em paz... sempre fui um libertino, um “piranha”, já explorei mulheres... já fiz de tudo, mas agora...
- Lione Que é que tem agora?
- Miguel Uma mulher inválida que passa os dias sozinha num quarto, em cima da cama, fazendo enxovaizinhos de bebê e ouvindo um radinho de pilhas... E que extorque dinheiro do irmão a fim de ter companhia de vez em quando... *(Olha com firmeza, quase com severidade, para Lione)* Reconheço que eu também estou agindo como um homem sem escrúpulos, eu nunca tive muito escrúpulos, acuso-me antes que você o faça... só que isto começa a cansar-me.
- Lione Pode ser que você tenha razão. E na verdade tem, não duvido... mas você nunca se perguntou se não há algo além disso?
- Miguel move negativamente a cabeça.*
- Lione Você acredita no pecado? Enfim, crê que haja o pecado?
- Miguel O pecado?
- Lione Sim, o pecado. Naquilo que as pessoas fazem e que perante a Igreja... e perante Deus, é errado... e a que dão o nome de pecado.
- Miguel Bem, roubar, matar... sim.

Lione | Ora, isto não se discute. São crimes, tem de ser pecado. É a outra coisa que me refiro... não crimes, mas atos... apenas atos ilícitos perante Deus...

Miguel | E o que é que você quer dizer com isso?

Lione | Eu vou lhe contar uma história, Miguel... uma história sobre o pecado.

Pausa em que Lione concentra-se no que vai dizer.

Lione | Quando eu era pequena, minha mãe lia a Bíblia para eu ouvir. Não entendia nada, mas ainda assim pacientemente sentava-me ao lado dela e ficava escutando com atenção, até que fui descobrindo o encanto das histórias bonitas e tristes que ela contava... O povo que fugiu da escravidão através do deserto buscando uma terra onde manava leite e mel... o homem de quem Deus tirou tudo que lhe dera para provar-lhe a fé... o filho que na guerra contra o próprio pai ficou preso pelos cabelos longos nos galhos de uma árvore, e outras... e outras... um dia ela leu sobre o homem que venceu o pecado, e que para isso e para livrar dele a humanidade, foi pregado e morto numa cruz. Eu perguntei então à minha mãe: “Mas por que ele quis morrer?”, e ela disse: “Para que todos se arrependessem de seus pecados, e pudessem vencer a morte, como ele venceu, porque, morto, foi sepultado e ressuscitou.” *(pausa)* Eu ainda era muito pequena para entender o que fosse o pecado.

Miguel | E Macário? Também ouvia essas histórias?

Lione | Macário estava sempre longe de nós quando éramos pequenos.

Miguel | No entanto ele diz que você é quem sempre foi arredia e quieta.

Lione | Não importa agora... Mamãe um dia leu para mim que o pecado faria com que Aquele que morrera, voltasse. “A maldade dos homens, dizia ela, é a maldade dos homens que fará com que a ira do Alto desabe sobre todos nós.” Eu estava confusa com as predições obscuras do Apocalipse, que nem mamãe podia explicar.

Miguel | Não teve medo?

Lione | Mamãe disse: “Se o Juízo fosse hoje, Deus pegaria você e poria num lugar muito bom, junto com todas as pessoas boas, com todas as crianças. Só os maus sofreriam.” Por isso não tive medo. Então perguntei:

“E você iria comigo para esse lugar bom?” E ela disse: “Por certo eu também tenho meus pecados, mas Deus é bom e haveria de reconhecer meu arrependimento.” Então eu fiquei muito tempo pensando que pecados mamãe teria, doente, sem sair de casa, sofrendo suas dores sem queixar-se, resignada, paciente. Quando ela morreu eu só tinha seis anos. Eu vi quando a levaram, e com ela foram embora todas aquelas histórias, o livro onde as lia abandonado agora em algum canto da casa... então chorei... chorei porque me senti sozinha. Não ouvi mais a palavra pecado lá em casa, acabei por esquecer-me dela, e esqueci também tudo que dela poderia decorrer.

Pausa.

- Lione Quando um dia voltei a ouvir sobre o pecado, já não era mais uma garotinha de cinco ou seis anos. Tinha idade suficiente para duvidar dele e de todo o resto.
- Miguel E duvidou?
- Lione Como posso dizer que duvidei? Como, se já não creio em Deus nem no diabo, nem no céu nem no inferno?... mas no fundo, no mais profundo de mim...
- Miguel ...ainda está viva a crença em tudo que a razão nega.
- Lione Não sei se a crença, mas alguma coisa, alguma coisa indefinível... que perturba e desorienta às vezes... assim como calçar um bonito sapato que muito lhe agrada, mas no qual há uma protuberância por dentro, mínima, minúscula... que não fere, não dói... mas que causa um ligeiro incômodo... você tenta esquecê-la, mas a consciência de que ela está lá não deixa... Ora, como é belo o sapato, como cai bem com o traje que você usa, como é adequado para o momento, como todos o admiram e elogiam o bom gosto que você teve em escolhê-lo!... No entanto, aquela ínfima protuberância... não dói, mas você sente que ela está lá... compreende?
- Miguel É a dúvida, Lione. Isto se chama dúvida. Você tem quase convicções... quase, entende?
- Lione O filho que eu tive... nasceu morto. Do homem que amei, que talvez ame ainda... mas que não pode ser meu, que não me pode dar outro filho, porque... porque existe algo que se chama pecado.
- Miguel Quem é ele?

- Lione Não importa! ... Não, não é bom que saiba e... deve permanecer esquecido. Por que reavivar lembranças tão tristes? Não, esqueçamos, Miguel, esqueçamos tudo... esqueça tudo que eu disse... talvez, contudo, eu possa lhe contar que a criança não foi sepultada.
- Miguel *(surpreso)* Não?!
- Lione *(move a cabeça negativamente)* Nessa época morávamos num sítiozinho no interior, e perto passava um rio bastante profundo.
- Miguel Quer dizer que...!
- Lione Eu mesma embrulhei o corpinho num lençol. Na beira do rio acrescentei ao embrulho uma pedra bem grande. Amarrei bem para não se soltar. *(pausa durante a qual se olham)* O rio foi uma boa sepultura.
- Miguel *(Olhando para Lione, incrédulo, e depois cobrindo o rosto com as mãos)* Deus do céu! *(sai do quarto – e de cena –, enquanto Lione o acompanha com os olhos, deitando-se em seguida e cobrindo-se)*
- Nesse momento, Macário reaparece, saindo de trás da casa. Fala para si mesmo, sombrio.*
- Macário Você precipitou as coisas, Lione. Na verdade... não sei até quando poderia sustentar essa situação... agora, no entanto... agora está acabado...

Escuridão. Pano.

Cena III

CENÁRIO – Uma rua, à noite. Como na 3ª cena do 1º ato, quase completa escuridão.

Quando o pano sobe, Macário está em cena e parece esperar alguém.

Miguel entra.

- | | |
|---------|--|
| Miguel | Macário, você está aí? |
| Macário | Ei, aqui... estou aqui. |
| Miguel | Que idéia foi essa de marcar comigo a essa hora e neste lugar? Ficou doido? |
| Macário | Que é que tem? |
| Miguel | Ora, não sabe que este lugar é perigoso? |
| Macário | Precisava falar-lhe... Tenho uma coisa para lhe contar, e é urgente. |
| Miguel | Mas precisava ser aqui? |
| Macário | Ninguém pode ouvir... é segredo. |
| Miguel | Tudo bem, então... mas vamos lá, diga o que é. |
| Macário | Miguel, é uma história complicada. Você precisa ouvir-me sem pressa. |
| Miguel | Pode falar, estou aqui pra isso. Só não gosto deste lugar, mas tudo bem. |
| Macário | O lugar é bom, Miguel. |
| Miguel | Bom? Isto aqui? |
| Macário | Sim, bom. Somos nós, os homens, que o tornamos ruim. Não concorda? |
| Miguel | Bem... |
| Macário | A cidade é boa, isto é, seria boa... se não vivessem nelas as pessoas. Não pensa assim?... Veja como o mundo é bom, e como nós nos empenhamos em estragá-lo. |

Miguel Mas por que isso agora?

Macário É que talvez seja essa a minha idéia... sim, é isso. Eu queria lhe comunicar a minha idéia. Lembra-se de quando falamos sobre isso?

Miguel Sim, me lembro.

Macário Eu dizia que só quando tínhamos uma idéia podíamos sobreviver ao cotidiano, à sufocação lenta e compulsiva das coisas pequenas, irrisórias, que ao mesmo tempo que preenchem a vida, a destroem.

Miguel E então?

Macário Eu posso lhe afirmar que é essa a minha idéia: tornar o mundo bom, pela destruição de tudo que o corrompe.

Miguel Mas... é um absurdo! Como é que você pretende...? Você está brincando!

Macário Mas não!...

Miguel Só pode estar brincando comigo.

Macário Não estou brincando!

Miguel Macário, ouça... Esse negócio de idéia, tudo bem, eu concordo com você, eu mesmo tenho a minha... mas é preciso que seja algo racional.

Macário Mas é racional, Miguel, ouça-me... Oh, é preciso que me ouça com calma.

Miguel Está bem, fale.

Macário É uma questão de empenhar-se nisso, vê se me entende. Não estou me propondo um prazo, não estou buscando a realização da coisa assim de repente, nem sozinho... O que eu quero é estabelecer um plano, compreende?, um plano de ação, passá-lo a outros, recrutar militantes, fundar uma irmandade com esse propósito... Levar talvez a vida inteira nisso. Nessa irmandade cada um procuraria o mal, onde estivesse, de que maneira se apresentasse, para destruí-lo.

Miguel Não deixa de ser um absurdo. Nem Cristo conseguiu isso!

Macário O mal está em toda parte, disfarçado de todas as maneiras. Eu iniciaria a coisa... convocaria pessoas às quais exporia a idéia... em pouco tempo teríamos um pequeno grupo... ao fim de dez anos seríamos mil,

em trinta talvez fôssemos um milhão... Mas é claro que para o êxito do empreendimento, cada militante deveria ser treinado a identificar o mal... às vezes ele pode estar por demais oculto... e sob disfarces tão inocentes...!

Miguel (irônico) Ah, sim? Por exemplo?

Macário Vou lhe contar uma historia que exemplifica o que estou dizendo. (*ligeira pausa*) Um homem, um homem que não importa quem seja... Qual o nome? José, Pedro, Mateus, pouco importa. Basta saber que eu o conheci e acompanhei todo seu caso. Posso de antemão lhe assegurar que esse homem soube descobrir o mal, apesar da maneira como ele se apresentou; e também que, identificando-o, soube exterminá-lo.

Miguel Entendi, prossiga.

Macário Pois bem! Esse homem amava. Que lindo isso de amar alguém, não acha?... Mas, e se o amor for ilícito?... E se todos condenarem esse amor?... Ora, o homem amava, como um doido, passava seu tempo pensando na mulher que deveria ser sua, e não queria saber de mais nada, pensar em mais nada. Ela... sim ela talvez o quisesse, talvez não, nunca dera a entender isso, mas como se encontravam sempre e estavam sempre juntos, passeando, conversando, ela talvez estivesse acostumada com ele... talvez o tenha desejado apenas.. Sim, digo apenas, porque o desejo é diferente do amor, pode-se desejar sem amar, não é mesmo?... Um dia foram passear, fazer um pic-nic no campo, passar o dia fruindo do ar puro do campo, da intimidade dos insetos, das formigas, dos pássaros... E no fim daquele dia, enquanto ela olhava da encosta da colina o sol pondo-se, ele a abraçou e reclinou na relva... e a teve ali mesmo, desprendido de tudo, de todos, de todas as idéias, de todos os preconceitos, de toda consciência...

Miguel Ora, o que pode haver de errado no fato de um homem e uma mulher se amarem no meio do mato?... Só se não foi com o consentimento dela...

Macário Foi, foi...

Miguel Então não vejo por que...

Macário Já vai entender, já chego lá. Ela descobriu que estava esperando um filho dele, e isso foi... medonho para ambos. Não pensaram naquela

possibilidade, não esperavam que acontecesse... “Você vai tirar a criança”, ele disse, mas ela, resoluta, replicou: “Não, a criança vai nascer!” Ele tentou convencê-la de todas as maneiras... era preciso esconder das pessoas... seriam incriminados por aquele filho... que ela pensasse bem... que refletisse que, sim, as pessoas são hipócritas, entregam-se aos seus prazeres mundanos, às suas podridões secretas, inventam argumentos para justificar seus atos errados, fazem todas as sujeiras... mas para isso buscam o refúgio de suas alcovas, de seus esconderijos... no entanto, quando alguém tropeça, eis que todos se põem a crucificá-lo, desejam extirpá-lo de seu meio, tornam-no o bode expiatório de todos os seus próprios anseios torpes mas velados! Que ela pensasse bem!... Contudo, nada, nada fez com que ela se decidisse a evitar o mal, sim, porque aquele filho era o mal, e ele sabia disso... O único jeito que encontraram foi sair daquele lugar antes que a barriga desse na vista, e ir para bem longe, de preferência para algum recanto do interior...

Miguel Mas por quê? Por que ele não se casava com ela?

Macário Calma, não se apresse... já vai entender... Eu não posso passar à frente dos fatos! ... Partiram então, partiram para uma cidadezinha de interior, onde foram viver nos arredores, em algum recanto mais ou menos escondido onde estavam seguros, porque lá ninguém os conhecia. No entanto era com horror que ele via aproximar-se o nascimento da criança... via com um misto de preocupação e medo o avolumar-se daquela barriga, a cada dia que passava mais rotunda e pesada... mais ameaçadora!... No entanto, para evitar atormentá-la deu a entender que se resignara, e não falou mais em extirpar o mal. Uma noite pela madrugada ela começou a sentir as dores. Era a hora! No entanto ele estava calmo porque tudo, de uma maneira ou de outra, já se ajeitara. Correu então a buscar a parteira que havia contratado há algum tempo... era uma preta velha, dizem até que macumbeira das fortes, e morava a menos de dois quilômetros dali. “Chegou a hora”, ele disse, e a preta velha o acompanhou. Antes de entrar na casa, porém, ele a reteve pelo braço e, pondo-lhe na mão um maço de cédulas, disse: “Lembre-se bem: nem um vagido, ouviu? Nem um mísero vagido!”

Miguel *(assombrado)* Jesus Cristo!

Macário Aquela criança era o mal. O homem soube reconhecê-lo, apesar de ele apresentar-se na figura de... um recém-nascido... E tudo aconteceu

da melhor maneira possível... Pela manhã, ela própria embrulhou o bebê morto num lençol e foi atirá-lo num rio profundo que corria nas imediações, junto com umas pedras para que afundasse e não voltasse à tona.

Miguel Meu Deus, Macário... o que você está me dizendo... foi... com Lione que isso aconteceu...!

Macário Hum, vejo que já conhece parte da história!...

Miguel Ora, e daí que eu conheça?!

Macário Mas Lione nunca soube disso. Ela pensa até hoje que o filho nasceu realmente morto. A preta velha foi eficiente... E eu lhe pergunto: como é que poderia nascer um filho dela... e meu, e continuar vivo?

Miguel *(ainda mais assombrado)* E foi você... você...! Deus!... Não, não é verdade, não é possível que seja verdade o que estou ouvindo! .

Macário Aí está a idéia: destruir o Mal. E o grande mal da minha vida foi esse amor miserável por minha irmã Lione... que nos destruiu a existência... Por isso era preciso suprimir aquilo que o mal deixara como semente.

Miguel *(com revolta)* Você está louco, Macário, louco! Eu vou embora! *(dá as costas para sair. Macário saca um punhal, alcança-o e o apunhala por trás.)*

Macário Não, meu amigo, você não pode ir. Quem prova do fruto proibido é condenado a perecer. Não é assim que conta a História Sagrada?... Foi assim com todos os outros... e assim que vai ser com você também.

Macário chora sobre o corpo do amigo.

Escuridão.

Pano.

Fim do 2º Ato

Epílogo

CENÁRIO – O palco é dividido mostrando, à direita, o quarto de Lione, e à esquerda, o quarto de Macário, com o espelho em primeiro plano.

Quando o pano sobe, Lione está em sua cama, deitada e meio coberta. O palco está apagado deste lado.

O Homem do Espelho surge no espelho com efeitos de fumaça. Há pouca luz na cena.

Homem do | O que é o fim senão um começo? Não será o epílogo um novo pró-
do | logo, e o ponto final de um livro o início de um outro livro?

Espelho | O que é a loucura, senão a sanidade às avessas, e os gestos de um
louco não serão o jogo de uma cruel lucidez?

Estamos diante do infinito com a morte batendo às nossas portas. Mas se o infinito segue em frente, como poderemos nos deter por um motivo tão trivial? Não seguiremos, nós, em frente também? ⁸

O Homem do Espelho cala-se e permanece de cabeça baixa. A luz desse lado do palco diminui ainda mais. Acende-se a luz do lado direito, não muito intensa.

Macário entra pela direita (não dá mais que dois ou três passos no palco) e pára, olhando Lione que, à sua entrada, sobressalta-se tentando penosamente sentar-se e olhando-o com apreensão. Olham-se por algum tempo em silêncio, até que Macário de cabeça baixa caminha até o meio do palco ficando três/quartos de frente para o público. Permanece quieto como se meditasse. Volta o rosto – só o rosto – na direção de Lione que novamente sobressalta-se, e em seguida fica to-

⁸ Essa fala foi acrescentada quando da revisão da peça em 1988. A que figurava neste ponto foi transposta para a penúltima fala do Homem do Espelho.

talmente de frente para o público, suspira olhando para cima e, com uma leve expressão de angústia, fala.

Macário | Era uma vez um menino e uma menina... dois irmãos que viviam na mesma casa, havendo, porém, entre eles uma inexplicável distância. Isso aconteceu há muito tempo.

Lione | Sim, muito tempo. Vinte anos, talvez...

Macário | No entanto, por que havia tal distância entre os pequenos? O que é que os impedia de se aproximarem um do outro como irmãos amorosos, e se abraçarem?

Lione | Quem sabe o culpado não era o menino, arredio e sempre quieto pelos cantos?

Macário | Ou a menina, que se trancava em si mesma como numa fortaleza de cujas portas, uma vez fechadas, as chaves se perderam.

Lione | Afinal, qual dos dois se distanciava? Qual relutava em vencer essa distância...?

Macário | ... e em abrir essas portas? *(pausa)* Em certas ocasiões eles iam brincar no morro em frente, mas não brincavam juntos. O menino apenas acompanhava a irmã para cuidar dela, que era bem menor, não tinha ainda seis anos enquanto ele já tinha nove.

Lione | Ele mantinha-se calado e de longe, espreitando. Não dizia nada, não se aproximava, e às vezes fingia ir para outra direção, mas apenas ocultava-se nos arbustos e ficava olhando.

Macário | Ele, porém, como iria aproximar-se?... Ela acaso o permitia?... Ela acaso... sorria para ele, convidava-o, saía de sua fortaleza?

Pausa.

Macário | Lembro-me de tudo... lembro-me, por exemplo, de quando a mãe, em suas tardes doentes, tinha de ficar repousando no sofá da sala por causa da insuportável dor nas pernas, e lia para a menina histórias da Bíblia. Que poderia interessar a uma garotinha de cinco anos ouvir histórias da Bíblia?

Lione | Eram histórias bonitas, e a garotinha acostumara-se a elas.

Macário | Mas a mãe só lia essas histórias para ela, só para ela.

- Lione O menino, no entanto, ficava pelos cantos ouvindo. Quase podia ouvir-se sua respiração atrás da parede, onde sentava-se escondido para escutar. E quando a mãe lhe pedia que se fosse reunir a elas para partilhar da leitura, afastava-se em silêncio e batia uma porta. Mas logo em seguida essa porta era aberta devagarinho para não fazer barulho, e o menino voltava para o mesmo lugar e punha-se de novo a ouvir.
- Macário Mas um dia a menina foi achá-lo em seu esconderijo e riu dele, dizendo: “Ele está bem aqui, mamãe, ele está escondido aqui, escutando.”
- Lione E então ele avançou para a irmã envergonhado e furioso, disposto a bater nela. Chegou mesmo a dar-lhe um tapa no rosto, ficando a marca dos dedinhos rijos na pele branca. Teria batido mais se a mãe não intervisse, arrastando as pernas inchadas e ralhando. Por culpa dele a mãe, na pressa em defender a menina, bateu com uma das pernas doentes num móvel e passou mal a noite toda, gemendo de dor que remédio algum aliviava.
- Macário Mas ela, a garotinha atrevida, aprendeu a não rir mais do irmão.
- Lione Talvez ela não tivesse feito por mal... quem sabe não foi aquela a única tentativa que ela fez de abrir as portas... e vencer a distância que ele, no entanto, aumentou ainda mais!
- Macário Como ele poderia compreender isso, com nove anos somente, tão pequeno?! (*pausa*) A mãe lia a Bíblia e falava do pecado à filha pequena, e ela, a menina, quantas dúvidas tinha sobre o que era esse pecado, quantas indagações...
- Lione Com cinco anos, como poderia entender essas coisas?
- Macário Mas o menino já sabia o que era. Com nove anos era já um homenzinho e tinha de saber. Ele já havia visto o pecado muitas vezes.
- Lione Como é possível que ele o tivesse visto? Com nove anos não era nenhum homenzinho, era uma criança como as outras, só uma criança.
- Macário Mas podia sair e ir sozinho para o morro. Nem sempre ia lá acompanhando a irmã em suas brincadeiras solitárias. Quando ia só, tomava outro rumo, um caminho que a irmãzinha não conhecia, que ninguém mais conhecia além dele, menos que um trilho entre a vegetação cerrada que quase toda tarde o levava ao outro lado do morro, e aí, escondido

dido entre as moitas, ele podia ver e ouvir o pecado. *(pausa)* Os dois que costumavam encontrar-se na clareira abaixo pensavam que ninguém os veria, porque em volta a vegetação era tão cerrada que não se podia atravessar, e de onde estavam podiam ver logo alguém que se aproximasse. Ignoravam o trilho que conduzia a um ponto acima deles, de onde se via toda a clareira. Muitas vezes o menino viu aquilo...

Lione E o que foi que ele viu?

Macário Os dois que estavam lá... faziam coisas... o menino olhava, de início aturdido com o que via... depois achava engraçado... mas soube que aquilo era o pecado, porque ouviu isso da boca deles mesmos: “O padre domingo passado falou que é pecado, quando fui me confessar. Falou que eu não viesse mais com você para cá.” “O padre diz que é pecado porque não pode fazer.” “Se não pode fazer é porque é pecado mesmo.” “Pecado nada, sua boba. Esqueça o padre.” O menino ficava sem saber se era ou não pecado, até um dia em que a viu chorando muito. Nesse dia eles não fizeram “aquilo”. Ela chorava cada vez mais, porque ele estava dando uma bronca nela, muito zangado; então ela passou a gritar com ele, a xingá-lo, e ele ficou muito nervoso e gritou também para que ela se calasse, mas ela não se calou, pelo contrario, gritou ainda mais alto. Aí ele deu um tapa na cara dela, que estava quase histérica, mas não adiantou, a mulher avançou para ele com as mãos assim *(faz com as mãos a forma de garras)* e meteu as unhas na cara dele, gritando e chorando. Foi quando ele pegou e deu um soco na barriga dela fazendo-a recuar com os olhos assim *(abre muito os olhos)* e a boca aberta, sem ar, e avançou outra vez para ela dando-lhe um chute na barriga que a derrubou, então deu-lhe outro chute na barriga, gritando: “Ele não vai nascer! Não vê que não pode nascer?” Passou a mão no rosto limpando o sangue que escorria dos arranhões e foi embora, deixando-a caída lá, como morta. *(ligeira pausa)* Foi assim que o menino soube que aquilo era pecado.

Pausa.

Macário Mas não foi só aquela vez.

Lione Houve outras vezes?

Macário Um dia o menino viu o pecado em sua própria casa. *(pausa, olhando para Lione)* Era de noite, bem tarde e ele não dormira ainda. Costumava

dormir cedo, tinha o sono pesado e profundo de toda criança, mas naquela noite não dormira. Estava deitado no escuro, de olhos abertos, quando ouviu gemidos em alguma parte da casa. Ficou prestando atenção, olhou para a cama do lado da sua, onde a irmã dormia, para ver se não havia sido ela quem gemera, embora consigo mesmo soubesse que não havia sido. Na verdade, já compreendera o que estava acontecendo, e sentiu necessidade de desmentir aquela certeza, sentiu vergonha como se mais alguém estivesse ali com ele a escutar e a observá-lo... Os gemidos continuavam, então ele se levantou para ver... (*faz gestos imitando a cena que descreve*) abriu a porta do quarto, atravessou a sala, e foi, pé ante pé, colar o ouvido na porta do quarto dos pais. Ouvia tudo agora, claramente, e percebeu luz pela fresta embaixo da porta. Então arriscou um olho na fechadura. (*pausa*) E viu. Viu que seus pais também cometiam o pecado. E compreendeu... que o pecado era bom – podia percebê-lo em seus rostos. E ficou olhando até acabar.

Pausa.

Macário

Então o menino voltou para o quarto. Sentou-se na beira da cama e ficou pensando. Depois olhou para a cama da irmã ao lado da sua. (*agora está de frente para Lione, encarando-a*) Ficou olhando, apesar da luz escassa que provinha da janela, e por fim decidiu-se a acender o abajur. Uma onda de encantamento fê-lo estremecer ante à beleza da criança adormecida. A criança que, de súbito, não era mais sua irmã, mas transfigurava-se... transfigurava-se numa espécie de anjo... fascinante e terrível, que já não conseguia parar de olhar! E nunca mais – na infância, na adolescência, depois de tornar-se homem feito –, conseguiu esquecer aquela visão perturbadora... E ainda hoje pode revê-la com clareza: o quarto escuro no qual somente a luz frouxa do abajur ilumina a cama onde uma criança dorme... as faces muito claras mas levemente ruborizadas, destacando-se dentre o negrume dos cabelos espalhados no travesseiro.. os lábios grossos entreabertos, e a respiração tranqüila de um sono sem sonhos. Nenhum outro movimento, nem contração ou franzir de cenho, nada, nada que viesse perturbar aquela paz... somente a respiração pausada e tranqüila do anjo adormecido... anjo, ou seria mais correto dizer um pequeno demônio que, na placidez inocente do sono infantil, o atraía para o pecado?... porque, sim, pela primeira vez o menino teve vontade de experimentar o pecado... de experimentá-lo com aquele pequeno anjo... ou demônio, que dormia a sua frente.

- Lione E o que foi que o menino fez depois?
- Macário No dia seguinte, quando o menino olhou a irmã, foi de um jeito diferente.
- Lione E ela percebeu que aquele jeito de olhar já não era o de antes. Havia uma fixidez sistemática e aflitiva naquelas pupilas negras a lhe esquadri-nharem o rosto, e de repente descerem para as coxas... e o púbis... Nunca mais ele a olhou de outra maneira. Passou-se muito tempo até que ela pode compreender aquele olhar. Então já havia morrido a mãe e a palavra pecado fora esquecida naquela casa...
- Macário Menos pelo menino.
- Lione ...o livro onde se liam aquelas histórias também, e o pai, atarefado demais com o sustento da família nunca se deu conta de que a distância entre os filhos, essa distância à qual já se acostumara e não mais estran-hava, achando-a até natural, diminuía gradativamente, ano após ano. As crianças, que antes mal se falavam, iam, pouco a pouco, buscando-se com os olhos, com um gesto sutil de aproximação, um ou outro raro sorriso que era como a chave que abrisse as portas da fortaleza... e ha-via aquele jeito de ele olhar para ela, ao qual ela não se acostumara... porque sempre que lhe surpreendia aquele olhar, sentia... uma deliciosa sensação de conforto. *(pausa)* Muito tempo se passou até que ela aprendesse o que significava pecado, mas então quase duvidava dele: para ela o sentido, a idéia de Deus era vaga e até absurda, e não O conhe-cendo, como poderia compreender o pecado?... Como podem tais dú-vidas surgir na mente de uma criança de treze anos?... Entretanto surgi-am, e o pecado agora compreendido, depois de só tê-lo conhecido de nome aos cinco anos para não ouvir mais sobre ele depois – o pecado, agora, já não fazia muito sentido.
- Macário Foi quando o livro, o mesmo livro onde a mãe lia as histórias ditas sagradas, reapareceu.
- Lione Sim, ele, o rapaz – porque agora era um rapaz de quase dezoito anos – achara o livro caído atrás de um móvel, e um dia aproximou-se da irmã com ele aberto nas mãos. Por essa época quase toda distância en-tre ambos fora vencida, permanecendo apenas uma certa reserva que não os deixava totalmente à vontade.

- Macário Então ele leu para ela...
- Lione Leu, leu versículos que mais não eram que a confirmação daquele seu jeito inquietante de olhar para ela... O que diziam mesmo aqueles versos, Macário?
- Macário “Eis que és formosa, amiga minha... os teus olhos são como os das pombas entre as tuas tranças... os teus lábios são como um fio de escarlate... os teus dois peitos são como os dois filhotes gêmeos da gazela, que se apascentam entre os lírios...”
- Lione *(com ar sonhador, revelando no rosto o encantamento que tais palavras a faziam sentir)* É ainda como ouvi-lo naquele dia... E ela deixou-se estar silenciosa e feliz depois que ele, terminada a leitura, saiu da sala. Agora a distância entre ambos não existia mais... irmão e irmã já não eram estranhos como antes.
- Macário Mas a imagem, a diabólica imagem, persistia...
- Lione Já não era uma imagem diabólica, mas uma doce recordação. Doce como uma carícia nos cabelos da irmã, como o suave abraço com que a envolvia às vezes, como pousar a cabeça no colo dela deixando-a acariciá-lo... E mesmo aquele jeito de olhar, agora mudara... era ainda o mesmo, sem dúvida, mas tornara-se tranqüilo com a receptividade que encontrava, perdera a insolência de antes para tornar-se um pedido, que encontrava como resposta uma aquiescência.
- Macário O progresso foi, no entanto, lento.
- Lione Mas ininterrupto. Nunca falavam de nada, as conversas eram às vezes sobre temas distantes, como num acordo tácito de a nada aludirem. Para além da rudeza das palavras, os gestos sutis, um breve roçar de dedos, o aconchego dos corpos enquanto tratavam de assuntos triviais, os olhares trocados como que inocentemente, até mesmo quando nada diziam, mas simplesmente permaneciam juntos.
- Macário Sim, nunca disseram nada, nem uma insinuação, nem uma palavra.
- Lione O pai já estava morto quando aconteceu. Ambos tinham ido fazer um passeio no campo... o dia inteiro num lugar muito bonito, com uma ravina, um rio, árvores, e a encosta da montanha de onde viam o sol pôr-se.

Macário | Foi então que num dado momento ela deitou-se na relva e ele compreendeu que era chegada a hora... reclinou-se sobre ela abrindo-lhe a blusa, dourando ao sol do fim do dia os seios brancos... os ombros... o ventre.

Lione | E quando ele se pôs sobre ela... ela, não a irmã mas a mulher, falou pela primeira vez, e ainda assim para pedir que mais uma vez ele dissesse aqueles versículos...

Macário | “Eis que os formosa, amiga minha; eis que és formosa...”

Lione | E então naquela hora... volatilizou-se por completo toda a noção já há muito dúbia e vacilante do pecado.

Pausa em que ambos expressam o prazer de lembrar.

Macário | Mas depois tudo se transformou. Quando voltaram para casa, era como se a distância se fizesse outra vez entre ambos, mas de outra maneira, porque foi surgindo uma animosidade que os dividia e afastava... Como explicar o fato, se não era a noção do pecado que os preocupava?

Lione | Ela por certo não duvidava plenamente de Deus... tampouco preocupava-se com Ele... com o que pensasse...

Macário | Ele a queria ainda, mas afastava-se porque via explícita nos olhos dela a recusa. O que estava acontecendo?

Lione | Como explicar que ela, desejando-o desde que entendera o que fosse desejo, o repelisse agora de si, não com palavras mas com atitudes, não com a boca mas com os olhos?

Macário | E ele percebeu, pois isolou-se, e passaram a viver como dois estranhos, sem se tocarem, sem se falarem, sem a menor troca de olhares... Até ela descobrir que ia ter um filho.

Pausa. Nas últimas falas, o diálogo tornou-se tenso, e essa tensão acentua-se.

Macário | Ele sentiu ódio e revolta pois compreendeu que aquele filho... já antes de nascer era seu inimigo... era ele quem os separava agora; mesmo antes de ela saber que daria à luz, já era ele... porque o que habitava aquele embrião era um espírito diabólico... sim, Lione, somente um es-

pírito das trevas podia habitar um filho concebido em... em... e lá estava de novo aquela palavra... que tentaram sempre ignorar na cegueira do seu amor demente... adquirindo consistência em suas consciências... **pecado**... O Mal habitava aquele embrião, ele soube disso, adivinhou-o... Então decidiu que não haveria de nascer.

Lione Ela, porém, decidiu que nasceria.

Macário A menos que ele não permitisse... (*O diálogo muda agora para a 1ª pessoa*) ...que **eu** não permitisse, Lione.

De tenso, o diálogo torna-se agressivo.

Lione Você não permitir?... Eu iria ter o filho, e você não podia fazer nada! E soube disso quando percebi sua fraqueza de determinação. Você recuou.. disse que eu deveria tirar a criança, eu fiquei furiosa, investi... e você recuou... não teve palavras, não teve ação... nada pôde contra a mãe que defendia seu filho!

Macário Grande mãe! Grande filho!... Pobre mãe de um miserável filho incestuoso!

Lione Mas era meu! E seria meu nem que fosse para atormentá-lo.

Macário E de que adiantou? Hein, de que adiantou? Ou será que você acredita ainda que seu bebê nasceu morto?... Naquela tarde junto ao rio, foi de maneira indireta que sugeri que a criança deveria ser atirada ali, com pedras para afundar e não voltar à tona... não se deu conta disso?... Mas estava claro que você só o faria se a criança nascesse morta... e tive de providenciar isso dizendo àquela preta velha que lhe serviu, que o bebê não deveria soltar um único vagido... Nunca percebeu isso, Lione?... Depois foi simples, você seguiu minha sugestão e foi para o rio levando nos braços uma trouxa... e voltou sem ela... Você nem ao menos desconfiou que, por fim, para eliminar todo e qualquer resquício do mal que começara a destruir, planejei também sua morte num acidente que acabou não surtindo o efeito desejado, porque você saiu dele parálitica, mas viva!... (*ligeira pausa*) Então decidi deixar que vivesse. O que restava de você, eu me perguntei, que pudesse preocupar-me?... Sim, poderia viver. Eu estaria tranqüilo, enfim estaria tranqüilo e sossegado. Mas eu me enganava.

Macário aproxima-se de Lione.

Macário | Oh, sim, como eu estava enganado, Lione, como!... Durante os seis anos em que estive aqui, nessa cama... atormentou-me, enlouqueceu-me... destruiu tudo o que sonhei fazer da minha vida... teve ainda assim quantos amantes quis, fodia com eles aqui, debaixo do meu nariz, e eu até podia sentir o cheiro!

Lione | *(quase gritando, um tanto descontrolada)* Mas você sempre soube e fingia não saber!

Macário | Sempre soube, e você sabia disso... ou será que não desconfiava de nada quando um dia ficava esperando que ele viesse, e esperava em vão porque ele não vinha?... Tempos depois arranjava outro, até que um dia também a esse outro esperava em vão, e assim por diante.

Lione | Você os assassinou a todos!

Macário | E agora você teria também muito que esperar por Miguel...

Lione | *(com voz fraca)* Também ele! Oh, meu Deus!...

Macário | Teria muito que esperar... teria, Lione, teria...

Num gesto rápido saca o punhal da cintura e apunhala a irmã.

Macário | ... teria se... enfim... eu não tivesse decidido destruir o mal...

Cai sobre o corpo de Lione, mergulha as mãos no sangue que jorra e esfrega no rosto, enquanto ri, enlouquecido.

O Homem do Espelho reaparece, e fala com voz grave e segura, mas não em tom dramático.

Homem
do
Espelho | Minha loucura é o grito que não ousa soltar,
Prenunciado por uma agitação na alma
E um debater-se de braços
feito trapo arrastado pela ventania sobre rochedos.
Estar louco é um pano amarelo feito uma bandeira
agitado ao vento
num crepúsculo tardio,
E o mastro fincado na velha parede
dói
como a ferrugem o corrói.
Estar louco é postar-se num mundo incompleto

e gritar para essa lua vermelha
toda minha demência,
porque minha demência é pensar que posso falar à lua quando não
alcanço nem a mim mesmo com minha voz,
pois se falo
não é minha voz que escuto
mas apenas as palavras que digo.
Minha voz sou eu por fora, que não me acho,
Minhas palavras eu por dentro, que me perco.
O que fica não tem nexo:
É uma ausência que tange o vazio.
Na aridez do deserto com uma lua vermelha por cima
sou o que não me fiz
e não projeto sombra.
Na quietude da noite no deserto, com uma lua no bojo,
Eu deveria em verdade latir para ela,
Deixar escapar pela garganta uivos e ladridos selvagens,
Como um cão cujo dono é o próprio coração doente,
E a coleira,
essa espécie de angústia farpada presa no pescoço,
mas por dentro.
Meu coração figura um penhasco,
E se caio dele
esmagado de encontro às rochas tudo que se pode chamar amor e ó-
dio, dor e prazer, compaixão e impiedade,
Ficando no ar
o fio evanescente
dos sentimentos
em frangalhos.

Enquanto o Homem do Espelho fala, Macário sujo de sangue levanta-se, com ar de louco, e passa para seu quarto, (o outro lado do palco), e cai no chão de joelhos, com risos curtos e soluços.

Lione, após a fala do Homem do Espelho, remexe-se na cama, rola para um lado e cai no chão, tentando arrastar-se.

Lione | Macário... Macário... toda essa... miséria...!

Tomba, imóvel.

Está morta.

O Homem do Espelho vai até Macário, toma-o pela mão e o conduz para dentro do espelho, onde Macário põe-se de joelhos e, sentando-se nos calcanhares curva-se sobre as coxas. Já não ri nem chora, mas tem o rosto oculto nas mãos.

O Homem do Espelho ajoelha-se ao seu lado, envolve-o num abraço com a grande capa preta, e fala.

Homem | Agora, Macário, estás aqui, onde há muito tempo desejas estar,
do | onde todos os teus sonhos hão de ser depositos em tuas mãos.
Espelho |

Pano.

– Fim –